Chegado o tempo da construcção do casulo a larva deixa o liquido que tinha nas glandulas sahir pelo orificio, e vae com este fio tenue, que se solidifica em presença do ar, tecendo o ninho que tem de abrigal-a durante o periodo da cupalida. O fio é continuo, resistente e mede as vezes mil e quinhentos metros de extensão.

—E não ha larvas sem casulos?

—A familia das borboletas conta muitas mil especies e por isso os seus costumes variam muito. A larva do «Bombyx more», como viste, na vida despresivel e ignorada que leva, nos fornece os tecidos de maior preço que temos, e isso ainda não é tudo, milhares de operarios com suas familias vivem do pão acumulado por estes viventes abjectos. Si o bixo de seda enriquece o industrial, outras larvas menos favorecidas pela natureza, trabalham mais, construem com mais sacrificio o seu casulo, que é de subido valor artistico, mas sem merecimento para a industria. No numero d'estes estão aquelles casulos grandes, de tecido forte e prateado, intermediadas de pedacinhos de madeira que vemos pendidos dos galhos das ateiras. Como conscientes da avareza do homem e do seu desprezo aos primores d'arte, que não lhe satisfazem a cubiça, outras larvas fazem de uma folha o seu manto de nympha, involvem-se n'ella até o termo de sua segunda metamorphose. Ainda outras, para occultar a sua abjecção ou antes para não ser perturbada a tranquillidade de seu somno procuram o solo e n'elle constroem com as leis de uma architectura solida um abrigo onde em silencio e segurança esperam pelo dia em que resussitarão d'aquella morte apparente.

—Só um Deus poderia dar à creação uma tão perfeita harmonia!

A natureza tem mysterios incomprehensiveis. Quando chegamos aqui voltejavam outras borboletas que não são estas que voam agora. A sua forma e colorido das azas eram differentes. Eis uma vaidade da creação. Os «lepidopteros» que têm de voltejar nos campos ao sol, as «borboletas diurnas», têm as azas coloridas dos mais brilhantes tons; ornou-as assim para mais opulencia de sua ostentação. Começam a chegar as borboletas em maior numero vêm assistir o epilogo do dia, o drama do pôr do sol e a natureza quiz que suas vestes fossem modestas, provassem seu recolhimento. Eil-as por isso vestidas de pardo, de cinzento. Não deslumbram as côres de suas azas e seu vôo é muito mais vagaroso, sua locomoção mais grave do que o das travessas diurnas à beijar mil flores em um vôo de minuto! Si ficassemos aqui, quando cahisse a noite seriam as "crepusculares" substituidas pelas "borbuletas nocturnas." Verias sempre a harmonia da natureza. Grandes "lepidopteros", de vôo pesado, azas grandes, vestidos de preto, se apresentam, não para saudar o sol em pleno espaço, não para dizer-lhe à tarde o adeus da despedida, mas para saudar a noite, cuja luz não é bastante para fatigar-lhes os orgams da vizão. Sao as phalenas dos poetas, as agoureiras dos supersticiosos, que procuram a escuridão não para presagear desgraças, mas fugindo da luz que lhes tortura a vista.

—E quando se completa a metamorphose?

—Observa-se o que viste nas donzellinhas. O insecto deixa o cazulo, a crysalida, respira e vôa. E' então a athmosphera o meio em que vae viver. Amam-se e perseguem as rivaes, Têm ciumes que terminam por verdadeiros duellos. Na epoca da postura, pois as borboletas são oviparas, não deixam os fructos de seus amores a tôa em qualquer sitio, depositam-nos cuidadosamente sobre as folhas das plantas proprias à alimentação das larvas depois que sahem dos ovos.

As crepusculares se retiram, não tardam as phalenas e temos que andar centenas de metros. Voltamos à casa.

Alto da Bonança —Junho de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

Amor do bardo (*)

Nos largos campos da vida
Vicejam flores a mil,
Brilham da noite as estrellas
N'aquelle manto de anil;
Mas, n'esse prado florente,
Cuidado, linda innocente,
Ai, muita flor rescendente
Veneno occulta subtil!

Mas, entre as flores viceja
O lyrio de mago olor,
E brilha no céo a estrella
Do verdadeiro fulgor!...
O lyrio só tem perfume,
Que mil delicias resume...
Purezas do céo o lume
Reune ás chammas de amor.

Nos prados, pois, d'esta vida
Procura o lyrio do val,
Fictando sempre enlevada
Do céo o lindo phanal;
E o lyrio guarda no seio,
Nas sombras de um doce enleio...
E contempla sem receio
O astro celesteal!

E queres achar, oh, virgem,
Logo a estrella, logo a flor?
No sacrario de sua alma,
Ambas tem o trovador!
Do bardo o genio resplende...
Seu affecto olôr rescende...
Ficta o astro que se accende;
Colhe o lyrio... é o meu amor!

Oh, sim... escuta!—Prosegui gemendo—
Recebe a flor!
Quanta fragancia, que ternura immensa,
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Maternos mimos, paternaes desvelos,
D'anjo o candor...
Perenne arroio de celeste effluvio..
Assim do bardo o fervoroso amor!

Astro que nunca... que jamais se apaga
No riso ou dor...
Quantos enlevos .. que luar sereno...
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Fonte de afagos, de infantil carinho
Consolador...
Brisa que embala eternamente um berço—
Assim do bardo o fervoroso amor!

O sol da gloria... illuminando os louros.
Quanto fulgor...
Quantas grinaldas de viçosas palmas
Não tem do bardo o fervoroso amor!

Oh, vem! Recebe na tua fronte as côrôas
De tanta flor!
Luz, harmonia, dedicação acceita
Nos santos laços de meu puro amor!

—

Ella escutara a divagar n'um sonho,
Talvez em nuvens das regiões ethereas,
As minhas trovas... Muita vez seus olhos
Eu vi ardentes... como que bravios,
Qual da gazella dos dezertos lagos,
Volverem rapidos... Logo após suaves,
Qual branda vaga, si o terral não geme
Na fulva areia de abrigadas praias,
Si eu, como o vime da procella ao sopro,
Ou qual infante si o trovão ribomba,
Estremecia... supplicando tregoas!

Imos arcanos!—Coração de virgem,
Flor da candura, ao despontar d'aurora,
De q' ens medo? Que terror! Que susto!
—Mãe desvelada que raivosa investe
Contra o phantasma que seu filho ameaça,
E encontra flócos d'alvacenta nevoa,
E volve ao pouso desarmando as iras...
Assim a virgem—da paixão aos cantos,
Ergue-se e vôa, enraivecida busca
Defeza á sua angelical pureza...
Mas, eis, que esbarra na muralha immensa
Das aureas letras d'uma lei eterna!
E, pois, já volve de mais brando aspecto.—
Do amor ao laço a soluçar se entrega!

J. GALENO.

(*) Reproduzida por ter sahido mutilada na ultima edição.

Curiosa fundação de Caldas

Corria em meio o anno de 1869, quando o Rvd. José Antonio de Maria Ibiapina, pregador de boa eloquencia, se occupava, no centro, em missionar o povo e fundar casas de caridade.

Chegava elle á Barbalha acompanhado de numeroso concurso, e alli se installando proseguiu no seu apostolado.

Havia uma pobre velha paralytica desde muito, e de todos mui conhecido; entendeu ella que o missionario ou padre santo, como o chamava o povo, podia cural-a.

Persuadida e dominada por este pensamento, foi ter com elle e rogou-lhe que a valesse; pois sabia que um remedio de sua mão seria infallivel:

—«Mulher, disse o padre, eu sou medico das almas; eu só curo almas.»

Mas a velha redobrou suas instancias.

Confuso, o padre, ou aturdido com similhante insistencia, e, querendo ver-se livre, disse em voz suave, que pareceu á velha a expressão da verdade:

—«Mulher, toma banhos calidos.»

Tanto bastou; a velha entendeu que o padre lhe dissera: «Mulher toma banhos no Caldas.»

Assim tendo entendido, persuadiu a algum parente seu que o padre lhe assegurava que ficaria boa tomando banhos no Caldas, e fez com que a conduzissem áquella fonte.

Alli chegando, com grandes difficuldades, porque não havia bons caminhos, começou a tomar seus banhos. Tres dias depois estava restabelecida. Então, com pasmo de todos, volta á Barbalha.

Sem perda de tempo, foi ter com o pregador a dar-lhe os seus agradecimentos, dizendo:

—«Meu padre, eis-me aqui; eu sou aquella pobre velha doente; estou sã e curada! Eu sou aquella a quem vós ensinastes o remedio dos banhos do Caldas com os quaes me curei... dou-vos mil graças por tamanho beneficio, que tomo e acceito como esmola.»

*

O padre, que não a reconheceu, tomou-a como uma douda e não se impressionou com o caso; mas o povo, que a conhecia de longa data, ficou espantado de ver tão grande prodigio.

A noticia deste facto correu immediatamente os quatro angulos da villa e não tardou a estender-se a todo o Cariry, á toda a provincia e talvez a todo o imperio.

Para logo poz-se o povo em movimento, ancioso por ver com seus proprios olhos o lugar de tamanho maravilha.

Começaram então os doentes de qualquer enfermidade a correr para alli; uns por molestia, outros por curiosidade, outros emfim arrastados pela influencia dos amigos; e, como a velha se tinha demorado tres dias, todos a imitavam e o proprio Rvd. Ibiapina alli foi mais d'uma vez.

Quinze dias depois d'este facto, lá estava quasi todo o povo d'aquelles arredores, inclusive os ouvintes das missões.

O Caldas está situado a tres e meia leguas da hoje cidade da Barbalha, para o Oeste, ao pé da serra do Araripe.

Em caminho, para o lado d'essa fonte, encontram-se diversas choupanas e engenhos de fazer rapaduras e aguardente; e por ahi ha abastados proprietarios, até a um quarto de legua mais ou menos antes do sopé do Araripe.

N'esta distancia começa a se estender uma sombria floresta na direcção da fonte. E' encantador esse bosque, juncado d'uma quantidade enorme de palmeiras de todas as edades, que dão fructos oleosos aos pobres; são ainda ellas as mais altas arvores d'esse bosque, entrelaçadas de cipós que as ligam a innumera quantidade de arbustos, formando assim especies de latadas naturaes.

Da ultima casa em que mora o dono d'aquellas situações, até á fonte, não havia caminho, a excepção d'uma estreitissima vereda não cultivada; assim mesmo a velha não duvidou em romper tudo isto.

Antes deste acontecimento, esse lugar não passava d'uma espessa floresta, como fica dito; mais depois da divulgação d'aquella noticia, tudo mudou de face.

Appareceu a perigrinação e as pessoas que lá iam, imitavam sua descobridora, passando obrigatoriamente tres dias; mas não havendo pousada, porque era no meio da matta, os perigrinos faziam-nas para si, arranjando estalagens com as palhas das palmeiras, abandonando-as no fim de tres dias, servindo assim a outros romeiros.

E como fosse sempre crescente o numero dos visitantes, crescente era tambem o numero das palhoças, que se edificavam.

Logo do começo elevaram uma pequenissima casa d'oração ao pé da fonte, onde os romeiros adoravam o Salvador do mundo, antes de tomar os banhos.

Os prodigios se muttiplicavam diariamente; as noticias se espalhavam; os habitantes dos diversos pontos se dirigiam em multidão para ver as maravilhas que o Creador estava patenteando alli.

Eu mesmo sou testemunha occular de muitos singulares prodigios: vi aleijados deixarem alli suas molêtas e voltarem a seus lares sãos e escorreitos. Até um cego me disse: «Já estou enchergando um bocadinho.» Mas não sei se progrediu a sua melhora.

Pouco depois edificaram uma capellinha sob a invocação de «Bom-Jesus dos Pescadores», sobre uma pequena collina que se eleva da fonte para o occidente, começando d'alli o arruamento até a fonte na distancia de um hectometro mais ou menos.

Como tudo era começo, fizeram a coberta da egreja com palhas de palmeiras, sendo de barro as paredes; uma verdadeira choupana

Ao pé d'ella via-se o aposento de uma familia, coberto tambem de palhas e tão conjuncto era á capella que as palhas d'uma se entrelaçavam com as da outra. Contaram-me que uma noite o fogo devorou em poucos instantes o tal aposento e tão grande era que as labaredas cobriam toda a capella, mas não a queimavam, deixando apenas tostadas as pontas das palhas, semilhando á mysteriosa sarça da Escriptura! Ainda vi as forquilhas carbonisadas da casa, ao lado da capella, para testemunho deste facto singularissimo.

O fogo teria conhecido que isto era uma egreja e aquillo uma casa?

*

Logo depois do descobrimento dessa fonte medicinal, ou fonte miraculosa, como outros a chamam, encontrou-se uma pedra, em um dos lados da qual um tanto aplainado, distinguia-se a figura d'um coração, gravado em traços de côr azul, amarella e rôxa. Essa pedra foi levada para Barbalha, onde eu a vi em casa do Sr. capitão Pedro Lobo

A fonte era chamada de *Caldas* em razão de estarem suas aguas sempre tépidas; são tão claras que encherga-se no fundo do poço o menor objecto que alli possa estar ou cahir, parecendo haver muito metal de envolta com agua, porque a vista está sempre a tremer desde que se applique sobre a fonte.

Os banhos são tomados dentro do poço, que tem a profundidade de 50 centimetros mais ou menos, sobre um fundo de arêa grossa.

Uma pessoa alva alli estando mergulhada, vê-se-lhe o corpo azulado.

Bebendo-se d'essa agua não se sente máo gosto; porem não satisfaz o appettite da sêde; é como si fôra uma bebida artificial.

Ella servia então somente para agoar ou irrigar plantações.

Com essa descoberta miraculosa e por causa da enorme agglomeração de povo, nada faltava, havia um animadissimo commercio; as casas se multiplicaram espantosamente e em breve a floresta, a matta insondavel estava transformada em uma alegre povoação, e um anno depois já havia alli uma cadeira de instrucção primaria funccionando regularmente e bem frequentada.

Eis ahi como se fundou a povoação do—Caldas, n'esta provincia do Ceará

Junho—15—1887.

J. G. Dias Sobreira.

ANNUNCIOS

Pharmàcia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE
Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.
Sortimento completo de homæopathia em tintura, globulos e cartee ras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.
36—RUA DA BOA-VISTA—36
CEARA'

Motta Vieira & C.ª

88--Major Facundo--88
FORTALEZA
Importadores e exportadores.

A QUINZENA

Escriptorio da Redacção

RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Todos os negocios relativos à administração trata-se com

O gerente,
JOSE' OLYMPIO.

CLUB LITTERARIO

56--RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Abre-se diariamente das 10 horas da manhã às 10 da noute.
Acham-se à disposição dos Srs. socios jornaes e revistas nacionaes e estrangeiros.

LOTERIAS CEARENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transferencia. Bilhetes à venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando; assim, a mais plena confiança ; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES
Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.as Sras.
Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliàs reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

Notre-Dame de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES
RUA DA BOA-VISTA N. 41

Este estabelecimento se acha montado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim oferecer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.
Especialidade em calçados de luxo, chapeos e tecidos, novidades.
Enxovaes para casamentos e baptizados.

NABOR A. CHAGAS & C.ª
Ceará.

OSTA SOUZA

Especialidades em fazendas modernas, chapéos, calçados, luvas e perfumarias finas.

Fortaleza
86 A Rua do Major Facundo

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.ª

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a
Joalheria. Relogios de todos os generos
Compram sempre **ouro velho** e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para
Uso domestico
Louças, vidros, mobilias etc
Objectos para viagens, brinquedos para crianças.
ARTIGOS PARA JOGOS
Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.
59--Rua do Major Facundo--59

GUILHERME ROCHA & C.ª

RUA FORMOZA N.º 71.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I | REDACÇÃO: João Lopes, A. Martins, Abel Garcia, J. de Barcellos e J. Olympio. | N.º 11

FORTALEZA, 31 DE JULHO DE 1887.

SUMMARIO

Expediente;
As conferencias do Club Litterario.—Oliveira Paiva.
Episodios da guerra de Hespanha em 1808.—De Viremont.
O Cajueiro.—Paulino Nogueira.
Visão do futuro.—R. de Farias Britto.
O falso amigo.—J. Martins.
Rosa d'Alvorada.—Antonio Salles.
N'um album.—Abel Garcia.
Felicidade.—Bruno Jacy.
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

Capital

Trimestre.	2$000
Semestre	4$000
Anno	8$000

Interior e Provincias

Semestre	5$000
Anno	10$000

Administração

Rua do Major Facundo 56

As conferencias do Club Litterario

Por que meio haveremos nós, bemfazejas serpentes do Paraiso, tentar a estes nossos patricios, que vivem, para ahi, quaes Adões chronicos, a innocente vida vegetativa? Ser-nos-á preciso uma arvore e um pomo. A arvore é a tribuna e a imprensa; o pomo é a palavra dirigida á parte feminina do ser. Todos nós, mesmo na maturidade, temos um quê de creança e de mulher, e feliz d'aquelle que, ao masculo de homem voluntarioso, reune aquellas duas doçuras. Emquanto o homem não abre as suas veias á inoculação do prodigioso filtro do sentimento, não passa de selvagem, ou quando muito, de barbaro. Para ser nobre é preciso saber sentir. Os nossos bons patricios convençam-se de que elles não foram feitos somente para comer carne e farinha; isso era edenico de mais; é preciso que elles próvem da arvore do bem e do mal.

Entretanto, resta demonstrar em como a palavra n'esta, provincia, é o necessario e bastante para accordar as bellas aptidões adormecidas na alma d'este bom e aventuroso povo:

Primeiro que tudo, instrucção é prenda que por aqui não ha; pelo que o estudo acurado, a applicação scientifica do homem sobre a natureza para chegar á comprehensão da sublimidade do coração humano, é geralmente impossivel aqui.

No campo da Arte, nem possuimos a magestade dos monument s architectonicos, nem a vida silenciosa das estatuas, nem o despertar de uma natureza nova e melhor ao fiat do pintor, nem a transfiguração mysteriosa que nos incute a alta musica.

Arte e Sciencia, portanto, não nos conduzirão ao solio de homens civilisados. Resta indagar si as Lettras poderão servir de aias a este povo infante.

Comece-se por encarar que, as Lettras, cujos orgams são a tribuna e a imprensa, hoje em dia por tal modo se interessam com a hummanidade, que ellas podem dar-se como a melhor synthese da civilisação.

Embora em tons geraes, podem ellas despertar as sensações das outras manifestações da Arte: a presença de um maravilhoso palacio, por exemplo, a divina audição de sons musicaes, o desenvolmento de uma risonha paysagem, etc. etc e até á intuição scientifica das coisas!

Nada é tão capaz de fomentar o patriotismo e accender os brios de uma nação, como a Litteratura.

O Livro acompanha o individuo onde quer que elle vá. Custa-lhe barato.

Que mais? Deve ser uma arma para o cearense. Esta é a idéa do Club Litterario:—o Livro e a Palavra em acção.

E' por isso que, tendo iniciado a publicação da *Quinzena*, vae inaugurar brevemente as suas conferencias; e assim, iremos derrocando, de bastilha em bastilha, a tyrania da indifferença,--indigna e baixa até para os animaes.

Que o povo não seja rebelde á voz de seus melhores amigos; que a sociedade cearense corra a ouvir as palavras sinceras arrancadas á parte mais nobre da nossa al-

mar;que a provincia lembre-se de que é feita para um futuro de glorias e de bem-estar; que os cearenses, cada um de per si, busquem em si mesmos a intuição de que o homem nasceu para a doce alegria do bem, o que só se consegue pela cultura de si proprio; que homem é averso á dôr, cujo movel principal é o ocio do espirito; que o verdadeiro meio de satisfaser a nossa hiante aspiração aos gosos do Empyreo, que é a civilisação, é desprendermo-nos da ignorancia, o monstruoso peccado mortal que sepulta o homem no hediondo inferno do simples nada dos cemiterios.

Não vale á pena vir ao mundo para viver como qualquer porco de engorda. Não vale a pena habitar um territorio originalissimo como o nosso, domar a bruta e ingente natureza amazonica, e dar o golpe final no captiveiro... para deixar-se ficar a gente para ahi como qualquer invalido capenga.

Avante pelo trabalho assiduo!—é o nosso brado.

OLIVEIRA PAIVA

Episodio da guerra de Hespanha em 1808

AS HESPANHOLAS

A guerra da Hespanha estava em seu auge. As legiões francezas por toda parte victoriosas encontravam no masculo patriotismo e sombria energia dos camponezes hespanhóes um outro inimigo mais terrivel e mais difficil de vencer do que os exercitos regulares.

Todos se tinham levantado á invasão do solo nacional: Gallegos, Navarros e Catalões disimavam os invasores por meio de guerrilhas implacaveis e deshumanas; homens, mulheres, padres e creanças todos estavam animados do mesmo odio pelos estrangeiros. Ali as mulheres envenenavam as fontes, acolá os meninos incendiavam um campo, aqui os padres, soldados de sotaina defendiam as egrejas, ultimo refugio dos patriotas, e em falta de munições desancavam o inimigo com pancadas de thuribulos, ou desses pesados Christos de prata massissa, reliquias de outros tempos.

Si uma cidade era tomada, os defensores alterados se rendiam. Ficava, porem, a populaça, e era preciso fazer novo cerco de rua em rua, de casa em casa. Homens e mulheres se defendiam com furia, atirando das janellas, das adegas, arvores. Cada angulo occultava um inimigo, e quando emfim a cidade era conquistada, restava nella apenas um montão de ruinas e cadaveres.

Tal era o estado dos espiritos e o espectaculo que offerecia o norte da Hespanha no meio do anno de 1808

Alguns soldados francezes, restos debandados de batalhões destruidos erravam na orla de uma floresta da Catalunha, desde muitos dias perseguidos, cercados, alimentando-se de folhas e de raises de arvores.

Supportavam as torturas da fome tendo em vista ganhar a fronteira, e nesta direcção caminhavam penosamente, andando de noute e occultando-se de dia, sem armas e quasi todos feridos.

Tudo lhes era hostil. Já duas vezes alguns de seus camaradas tinham pago com a vida sua confiança nos alimentos que lhes davam os camponezes. N'essa lugubre epocha todos eram implacaveis e sem entranhas. Parecia que Deus atrophiára todo sentimento humano e endurecêra todos os corações.

Chegados ao cumulo do desalento, abatidos, sem forças arrastavam os uniformes em farrapos, não entrevendo um fim a seus intoleraveis soffrimento.

Dois dentre elles se tinham suicidado, preferindo uma morte rapida á essa lenta agonia.

N'esse lamentavel estado achava-se esta pequena tropa ao raiar do dia em que começa esta narração.

O tenente que commanda este pequeno destacamento de Francezes quer uma ultima ver tratar de obter viveres.

Deixa o bosque e encaminha-se prudentemente para uma casa elegante e risonha, cujos alvos muros resplandecem ao sol: examina antes de entrar o vae-vem do interior. O rendeiro e os servos entregam-se aos trabalhos diarios; o dono parece estar ausente e apenas apparecem duas mulheres, uma velha e uma soberba catala em toda sua bellesa, que se mostra á janella com uma creança nos braços.

Assemelha-se á uma visão celestial. Os cabellos negros como o ebano enrolados no alto da cabeça, á moda hespanhola, presos por um pente brilhante dão á bella regularidade de seu semblante pallido um aspecto imponente e encantador.

Quantas emoções, quantas lembranças, e esperanças esta maravilhosa imagem da bellesa femenina desperta n'aquelle coração de vinte annos!

Animado e fascinado, o official mostra-se e vae direito a ella. Brilha um relampago nos olhos da jovem, seu rosto torna-se mais pallido, e graças a algum conhecimento que tem da lingua castelhana elle pode explicar-se em poucas palavras e pinta-lhe suas miserias e soffrimentos.

Faz um appêllo á sua compaixão em nome da humanidade.

Depois de ter tomado conselho no interior da casa ella o convida a descançar e confortar-a si e a seus camaradas, disendo que seu marido apesar de ser bom hespanhol não recusará soccorrel-os.

Estas palavras pacificas ditas pela graciosa creatura penetram no coração do moço que apenas pode exprimir sua gratidão e felicidade.

Emfim encontram um tecto hospitaleiro onde poderão recuperar as forças necessarias para terminarem sua viagem, e quando elle vai cheio de alegria prevenir a seus camaradas, todos esquecem os males passado e a anciedade em que se achavam é substituida pela esperança, bem supremo que todo infeliz conserva no fundo d'alma.

O velho cabo, o mais prudente dentre elles atreve-se a proferir algumas palavras de temor que não encontra echo, e todos se apressam a aproveitar-se dessa ventura.

Uma hora depois estavam sob o tecto hospitaleiro onde acham á sua disposição roupa para pensarem as feridas e agua para mitigar a sêde que os devora.

Emquanto esperam o jantar que se prepara, a joven mostrando-se interessada, ouve a historia delles que o official refere.

O velho cabo tornou-se amigo do menino que salta os seus joelhos, apenas a velha conserva-se affastada e em seus olhos negros e encovados brilham relampagos.

Preparado o jantar servem uma sopa cujo cheiro appetitoso é um supplicio de Tantalo para elles.

Ninguem ousa comer: mas a jovem que os observa serve-se primeiro e lhes faz companhia.

Então todos comem com avidez e sem temor A joven bebe tambem da agoa da bilha collocada sobre a mesa.

Não ha mais que duvidar, estão em casa amiga.

No fim do jantar a velha que até então se conservara distanciada approxima-se e parece se humanisar.

Interroga um e outro sobre seu paiz e suas familias, sobre a guerra e o Imperador e antes que elles continuem seu caminho quer lhes offerecer um copo de vinho de Alicante reconstituinte e generoso.

Uma creada traz a empoada garrafa e a velha toma os copos e com mão tremulla derrama em cada um uma porção de vinho.

Hesitam, a duvida voltou. Esta ve-

lla de olhos encovados não diz nada que sirva, e ninguem leva o copo á bocca.

Então ella vendo esse receio levanta o seu copo cheio e diz.

A' vossa liberdade, meus filhos e á salvão da Hespanha! e bebe-o de um trago.

Todos imitam-n'a, bebem ainda um copasio e a garrafa fica vasia.

Alguns minutos depois os sete francezes se estorciam nas dores da agonia com as entranhas queimadas, e a velha megera apparecia no limiar da porta escumando, medonha de vêr-se, e fasendo um esforço supremo ia cair morta no meio de suas victimas gritando:

Morte aos estrangeiros! Viva Espanha!

DE VIREMONT.

O CAJUEIRO. (1)

Esta arvore, diz Roberto Southey, é a mais util da America. Um sitio onde o cajueiro crescesse em abundancia tinha tal importancia que ás vezes provocava guerra. (*Hist do Bras.*, Tom. 1.°, pg. 331.)

Diz Faria que ella é propria dos regiões mais quentes do globo (Nov. Dic. da Ling. *Port.*); mas Pompêo affirma que é silvestre, abunda nas praias e serras e, nasceem qualquer parte («Ens. Est.», Tom. 1.°, pg. 169, nota 1.ª).

Pelo menos no Ceará é assim: o cajueiro é tão bundante nas praias como nas serras, sobretudo nas da Ibiapaba e Araripe; por isto andou mal informado Elias Erckman quando suppôz que os Cariris só podiam comer cajús vindo ao littoral, podendo aliás comel-os ou chupal-os em abundancia o á mão na serra do Araripe. (Vide «Quinzena», n.° 5, pg. 34, «Artigo de Capistrano de Abreu».)

A arvore é de estatura mediana, tronco tortuoso, copa redonda, folhas integerrimas e aromaticas, grandes e asperas; flores pequenas, esbranquiçadas, dispostas em panicula e terminaes. (Faria cit.)

Do tronco reçuma-se uma resina limpida e abundante que, moida e dissolvida n'agua, era pelos indigenas applicada como medicinal.—

Chorava o tronco lagrimas de ambar,
Que umas sobre outras em christaes pendiam;
Desta resina o pó n'agua solvido
E' para os indios grata medicina.
De balsamico aroma; .....
(Magalhães, *Conf. dos Tam.* C. 3, Pg. 66.)

Desta mesma resina («acajú-cica» ou «icica») servem-se os livreiros nas provincias do norte para encadernações, já por economia, já por conveniencia, sendo mais barata e, por causa do amargo, menos atacada dos bixos do que a gomma arabica ou tipióca. (G. Dias, «Dic. Tupy»)

O cajueiro, diz Brandonio, demonstra que, de soberbo por se desviar das demais arvores, leva o fructo ao revez do todas, porque as castanhas que nas demais se escondem no amago dellas, nestes cajús campêam por fóra, em forma que na cabeça do fructo se arremataim de feição que mostram a quem o não conhece que por alli teve principio. («Das Grandezas do Brasil», na «Rev. do Inst. Archeol», e «Geog. Pernamb.» N.° 32, Abril de 1887, pg. 69).

Sua casca é adstringente. (Pompêo cit.)

Floresce em Agosto e Setembro, flôres brancas a principio, depois purpurêas fructifica em Dezembro e Janeiro, carregando ao péso de seus lindos fructos. (G. Dias cit.) Logo no principio do verão vem leves aguacciros ou «pirajás», chamados «chuvas de cajú», porque a melhoréa deste fructo dellas depende. (Varnhagem. «Hist. Ger. de Bras. Tom. 1., pg. 92)

Chamavam os indios á essa chuvas «pirajá», que litteralmente quer dizer—fructa de peixe; porque nesse tempo da floração ainda costumam apparecer cardumes de peixe na costa, e elles suppunham que era para camerem essa fructa. Pompêo escreve, sem autoridade, «pyraôba», que se traduz por—«folha de peixe», e é por tanto menos propria e apropriada. («Vide Memoria sobre o clima e secca do Ceará», pg. 11.)

Com este nome de «pirajá» ha tambem uma especie de peixe. (Malta, na «Corog. Hist» de Mello Moraes, «Tom. 2.°, pg. 254».) Tambem se escreve «pirajá» uma especie de palmeira real, espinhosa, com fructos semelhantes ao pecego; mas Humboldt escreve correctamente «pirijá» na sua «Voyage au Nouveaux Continent, Vol. 8, pg. 257 e 266.

O pedunculo, a que vulgarmente se chama fructo, é da feição de um cone truncado, de sabor mais doce que agro (Moraes cit.)

Muitos poetas tem-no cantado:

De varias côres são os cajús bellos,
Uns são vermelhos, outros amarellos,
E como varios são nas varios côres
Tambem se mostram varios nos sa
(bores.

(1) E' palavra hybrida, composta da indigena «acajú, com quéda da 1.ª letra, e da terminação portugueza—«eiro que, junta aos nomes de fructo, significa—arvore: «cajueiro ou «acajueiro—arvore do cajú ou acajú. O nome primitivo é «acajú, de «acá caroço e «jú» suffixo: fructo de caroço, allusão á castanha (B Caetano, «Vocab. pag. 21.) Tambem se pode escrever, sem ser erro, «cajuzeiro", com um—de permeiro, por euphonia. Gonçalves Dias, no seo "Dic. Tupy", dá "acajú» tambem como nome da arvore, no que foi seguido, sem critica nem criterio, por Caldas Aulette, que no seo «Nov. Dic. Contemp. da Ling. Port.,» chegou a confundil-a com o «mogno» das Indias («Swietenia Mahogoni»), arvore e madeira inteiramente differentes. O nome, porem, admittido geralmente e com toda rasão é o do texto; pois "cajú" ou "acajú", simplemente, significa o fructo, mas não a arvore conhecida na sciencia pelo nome de "Anacardium occidentale", da familia das "anacardeaceas", ou das terebinthaceas de Jussieu.

E criam a castanha,
Que é melhor que a de França, Italia,
(Hespanha.

(Botelho de Oliveira, *A Ilha da Maré*).

—

Vês nos outros rama bella,
Que a Ramona por tributos,
Offerece doces fructos
De amarella e rubra côr?
Ser copado, ser florente
Vem da terra preciosa;
Do prudente agricultor.
(Silva Alvarenga, *O Cajueiro.*)

—

O cajú perfumado, alma do sangue,
Delicia estiva, juncto á polpa tendo
Em parda castanha saborosa amen-
(doa.

(Porto Alegre, *Colombo*, Tom. 2.º, C. 29, pg. 251)

O nosso povo tem uma expressão com que tambem celebrisa esse fructo: «cabello de espeta — cajú»: cabello duro, levantado, que não cede ás pomadas etc.

Esse pedunculo se desenvolve, torna-se carnudo, tem um succo aquoso, refrigerante e anti-syphilitico, do qual preparam-se limonadas, cajuadas, mocororó, vinagre e vinho. (Barbosa Rodrigues, na «Rev. do Inst. Hist.,» Tom. 41, pg. 36.)

Tambem é cantado pelos poetas não só esse vinho como o seu processo: —

.... os rudes caboclos foram mestres,
Que ensinaram os nomes, que se
(estillam
Tanipo è cajú vinhos distillam.

(Durão, *Caramurú*, C. 7, E. 46)

—

Em varias jarras, em porangos varios,
Fervendo a espuma, o hydromel d'a-
(belha,
A igaçaba cheirosa, o vinho olente
Do gostoso cajú;
(Porto Alegre cit. C. 29, pg. 255)

—

. . . . . de seus fructos
Fabricam elles precioso nectar;
E quem mais talhas tem deste au-
(reo vinho
Mais rico se reputa entre os selva-
(gens.

(Magalhães cit. C. 3, pg. 66.)

O professor J. Alves de Carvalho tambem fabrica, nesta Capital, uma bebida apreciada, á que chama, pelo sabor e pela côr, — «champagne de — cajú.»

Do pedunculo ainda se faz excellente doce, a que os indios chamavam «acajú-êm» (G. Dias cit.), e da polpa secca fazia-se farinha que os naturaes preferiam á qualquer outra, reservando-a como o melhor acepipe. (Roberto Southey cit., pg. 332.)

O succo expresso é excellente remedio contra a ascite (Pompêo,, Ens. Est. cit.); e delle tambem se faz a «cajurubeba, depurativo do sangue contra a syphiles e molestias cutaneas.

A cajuada de manhã em jejum é estomacal, desenfasticuta e dissipa febres

O mesmo pedunculo, antes de amadurecer, chama-se «maturí,» que se emprega em guizados. (B. Rodrigues cit.)

Da parte opposta á em que está pegado aos ramos, tem uma castanha dentro de uma casca mui oleosa, caustica, da feição do rim do porco, côr cinzenta: tirada a casca appareco uma amendoa saborosa, que se come assada ou se confeita; e serve de amassar-se em bolos, doces, pudins etc. (Vasconcellos, «Not. Cur. e Nec. do Bras.)

Esse oleo caustico é proprio para destruir verrugas (Faria cit.); e cancros (Beauperthuis e a amendoa tem, segundo algumas versões, effeitos aphrodisiacos. (B. Rodrigues cit.)

Com a castanha os indios contavam os annos e as idades, guardando uma cada anno. (G. Dias cit.) Tambem contavam os annos pela florificação dos cajús, as suas quadras pelos fructos então amadurecidos, pelo cahir das folhas. (G. Dias, «Brasil e Oceania,» pg. 238.)

Temos tambem, alem do cajú, o «cajuí,» especie de cajú pequenino, de que encontrei, em 1870, extraordinaria abundancia, como em nenhuma outra parte, na serra da Ibiapaba. A arvore tambem é menor que a do cajú; d'ahi o verso popular, que se encontra nos «Cantos Populares» de Sylvio Romero, Vol. 1.º, pg. 204:

Cajueiro pequenino
Carregado de «fulô»,
Eu tambem sou pequenino
Carregado de «amô.»

Ainda temos o «cajueiro-brabo» (2), a que os indios chamavam «sambaiba,» corrupção de «hobâiba,» que quer dizer — arvore de folha aspera. (B. Caetano cit, pg 165.). E' arvore pequena, tortuosa, com flores de cheiro agradavel, mas sem fructo, e com as folhas tão asperas e consistentes, que servem na marcenaria de lixa para alisar a madeira; e o seu cozimento, diz Chernoviz no seu «Formulario», é adstringente e emprega-se em banhos contra a inchação das pernas e dos escrotos.

Das vergonteas mais finas tiram-se muito fortes chibatas, e a entre-casca tem o mesmo prestimo que o «macacú-mirim» no Pará: os pescadores mettem as linhas, com que hão de pescar, no succo resinoso, que extrahem da entre-casca, afim de lhes não desgastar tão depressa, como lhes succede, quando lhes não fazem esta mão de obra. (G. Dias, Dic. cit.)

Da madeira os indios faziam suas bozinas, e se tiram pranchas para a construcção, sobretudo, de navios.

PAULINO NOGUEIRA.

(2) Chamo "brabo" e não "bravo", como dão os diccionarios da lingua, fundado na autoridade de José de Alencar, no "Gaúcho", Vol. 1.º, Nota.

VISÃO DO FUTURO

(SOBRE AS RUINAS DE TAPURU' NO AQUIRAZ)

(Estão ahi os restos de um velho templo christão abandonado.)

Tudo revela miseria e decadencia.
Desperta o coração, se move a consciencia
Cheia de custo e dor
Tndo parece escuro e cheio de terror,
Tudo revela a morte e tristes amarguras.

Em torno verdejantes, lucidas planuras,
Os sonhos, a paixão, a vida, o movimento;
No templo o abandono, a queixa, o soffrimento,
O desespero, a morte: a noite do passado!

Eis a vida, eis o mundo, o quadro angustiado.
Da triste realidade! Embalde se procura
Na noite pavorosa emmensamente escura
Do passado sondar os lugubres mysterios
Da vida: só se ouve os sons tristes funereos
De eternas lamentações.
Não derramam mais luz os pallidos clarões
Das estrellas, e a mente fraca anniquilada
Não entende da vida a grande caminhada.

O que vale a grandeza, os sonhos da vaidade?
E' triste, é miseranda a fraca humanidade.
No momento em que nos ceus queremos levantar
A vista procurando os ceus enterrogar,
Já nos falta nos pés a terra em que pisamos
Sem descanso, sem fé, proscriptos caminhamos
Em busca de um paiz que a vista nunca alcança.
E quando nos sorri o anjo da esperança
Um instante e nos diz:—« A terra do futuro
E' já perto, está ali—» se ergue o anjo impuro
Da descrença e no meio de gritos furiosos
Nos enche de terror e sustos pavorosos.

Vede aqui: hoje em terra um templo abandonado
Outr'ora cheio de vida e todo illuminado,
Centro de amor e preces fervorosas,
Tornou-se um ántro escuro, e sombras pavorosas
Em vez da luz dominam nos altares.

A vida é uma serie infinda de penares.
Vejamos: ha aqui por cima o esplendor
Do ceu; por baixo o pó e o quadro esmagador
Da triste solidão. E a forte ventania
Que traz da matta escura a voz rouca e bravia
Dos tigres e leões,
Soltando para o espaço enormes maldições,
Sacode com furor as portas despregadas
Do pobre templo: e tristes loucas gargalhadas
Repete o echo ao longe, emqnanto vão tombando
Pr'a terra ao menor choque, podres se quebrando,
Roidas pelo templo, as negras fechaduras.

Quem pode penetrar o arcano das alturas?
Quem pode ler nos ceus o enigma insondavel
Da vida e do universo? Um veu impenetravel,
Abraça, envolve tudo. Ao pé de cada rosa
Derrama um verme impuro a baba venenosa
Da morte, e tudo vae marchando para o nada.
E a lucta sem fim, cruel, desesperada
Dos seres como que transforma n'um clamor
Infindo a natureza. D'um quadro de terror
O eterno caminhar da eterna agitação.
A flor apenas vem saindo do botão
Desfaz-se e vira pó: e assim é tudo o mais.
Não sabem entender os miseros mortaes
Seu longo caminhar: a onda indefinida
Do eterno movimento,
Mixto de agonia, lucta e soffrimento
Se levanta feroz e cresce sem medida,
Sem termos, e tudo leva e arrasta para a morte.

Embalde é que trabalha o homem p'ra ser forte.
A mão do tempo esmaga as nossas esperanças,
Sempre, sempre a sonhar: emquanto o despotismo
Da força universal nos leva para o abysmo
Da morte e da soidão!

O mundo é uma immensa, atroz lamentação!

. . . . . .

Mas não; logo protesta o genio da verdade.
Do seio da velhice a loira mocidade,
Bem como por encanto alegre vem saindo.
Torna-se o templo novo; o ceu fica sorrindo.
Um grupo de mancebos fortes, luctadores
Collocam-se com fé, por entre mil clamores
No alto das ruinas,
E erguem para o ceu estas canções divinas:

« Eis aqui o silencio, a negação da vida,
A triste solidão, a morte atterradora!
Façamos d'esta sombra immensa, indefinida
Surgir a luz da aurora.

E' grande, é nobre, é bella a lucta do futuro
Como um sonho ideal que leva para o ceu.
Luctemos: em noss'alma o sentimento puro
Do ideal não morreu.

A nossa patria chora: immenso patriotismo
Enflamme-nos a alma e faça-nos heroes.
Veremos que não é o mundo um negro abysmo
Mas dansa de mil soes.

Em cada um de nós empere a mocidade.
Temos no peito fogo e ardor no coração.
Façamos fulgurar no seio da humanidade
A nossa geração.

Aqui a terra, o pó, miserias e ruinas,
Um quadro atterrador sombrio como o mar:
Mas temos dentro d'alma inspirações divinas
Podemos caminhar.

Marchemos: e aqui por cima das ruinas
D'esse templo com forte e energico vigor
Cantemos o progresso e as crenças purpurinas
Do bem restaurador.

Façamos desse templo a rocha do progresso
E diga cada um de nós:—heide seguir!—
Bebamos nesta sombra a luz que dá ingresso
P'ra os feitos do porvir.

Juremos com vigor em face do passado
Que temos força n'alma e paz no coração
E saibamos achar nas ruinas o legado
Da morta geração.

E assim sobre este chão gravemos nosso nome.
E dentro de noss'alma eterna juventude
Affirmemos haver, que o tempo não consome
O sonho da virtude. »

O echo repetiu no centro da floresta.
O cantico immortal;
E o mundo transformou-se logo n'uma festa
Immensa colossal.
O mar roncava ao longe, a terra estremeceu,

E logo illuminado o ceu appareceu
De argenteos purpurinos, lucidos fulgores.

Era a aurora do bem: em cantico de amores
Entoou suspirando o genio do futuro.

Desfez-se da incerteza o denso veu escuro,
Brilhou a luz no ceu, tornou-se bello o mundo.
Era o puro ideal renovador fecundo
Do futuro, sublime, novo, illuminando
A humana consciencia. Então tornou-se brando
O sopro atroador da forte ventania
E logo cheio de luz e cheio de harmonia
Esvoaçou no espaço o anjo da esperança.

E eu digo: Me convenço: o mundo é de bonança.
Existe o negro mal, existe o crime impuro;
As vezes faz-se o ceu medonhamente escuro,
E isto nos faz crer que a vida é uma miseria.
Mas no meio do mal, no centro da materia.
Se sente a luz do bem, murmura a consciencia.
O mundo é uma harmonia. E diz-nos a sciencia
Verdadeira em resposta a voz da maldicção
E ouvindo a doce voz da doce compaixão:
Olhae: quando desponta a luz da branca aurora
Purpirina, ideal, sublime, encantadora,
Que a terra se transforma em luz e poesia,
Desperta o coração, desperta a phantasia,
E o mundo se concentra inteiro dentro d'alma.
Então é que se tem a verdadeira palma
Do bem e da virtude;
Então é que se tem a eterna juventude;
Então é que se entende a voz da natureza
E pode-se dizer: o mundo é de grandeza.

R. DE FARIAS BRITTO.

O FALSO AMIGO

A LUIZ AMERICO

Sabe-se, e é certo,—o ouro reluzente
Forma-se as vezes da lodosa terra
No vasto seio—que o segredo incerra
Da per'la fina, do cristal lusente.

No fundo abysmo dos profundos mares,
Sabe-se, existem mil familias raras
De monstros mil com que jamais contaras
O' domador das aguas e dos ares.

Sabe-se emfim da varia natureza
Fundos mysterios. Com fatal certeza
Marcam-se agora os dias do perigo.

Só uma cousa ninguem sabe e evita;
E' conhecer o peito onde palpita
O torpe coração do falso amigo.

2—Julho—87.

J. MARTINS.

ROSA D'ALVORADA

Esmorecia ao longe o garganteio
Dos gallos; pouco a pouco, e docemente,
Folha a folha, de cumulus no meio
Desabrochava a rosa do nascente.

Expandia-se mais e, subtilmente,
Ganhava todo o céo;—no enorme seio
Brilhava um rocio estranho e refulgente,
E de aromas o espaço estava cheio...

Mas, subito, tremeu no hastil enorme
E murchou e pendeu; e, em bando informe,
As pet'las pelos pincaros do monte

Voaram... Quando a palpebra radiosa
Do sol se descerrou, da pobre rosa
Nenhum vestigio havia no horisonte.

ANTONIO SALLES.

N'um album

EXM.ª SR.ª D. F. CLOTILDE BARBOSA LIMA

Si entre nós o espirito publico não andasse tão desgarrado das preoccupações elevadas da arte e da litteratura; si os que não têm ainda o cerebro vazio de idéas e o coração atrophiado sumissem por momentos da contemplação mystica, do quietismo oriental do fakir diante do disforme fetiche—a politica; si as pretendidas classes dirigentes do pensamento nacional não porfiassem em realizar o ideal hindu do—nirvana—espiritual, paralysando os sobresaltos d'alma pelo proposito de não pensarem e não sentirem; as individualidades privilegiadas como vós, como Adelina Lopes Vieira, como Julia Vieira, como Carolina von Koseritz, como Maria Lucia Romariz e outras, poderiam cobrar justissima popularidade, que é a apotheose em vida.

No pequeno circulo, porem, d'aquelles que dam-se aos prazeres d'espirito e d'aquelles que, em franca gargalhada, metralham com epigrammas mordentes o *bom senso* dos Prud'hommes, a gymnastica dos politicos empiricos, thema eterno da caricatura e do humour, e os que arvoram em religião o egoismo, as manifestações de vosso talento, que, ora em finos e elegantes versos polvilhados de adoraveis imagens, fallam á nossa sensibilidade contando-nos uma odysséa de desillusões e anceios, ora em prosa lucilante, segredam-nos umas historias simples em que o que menos valia póde ter é o rendilhado de oiro da linguagem que as enroupa, essas encantadoras creações de vossa penna são por nós consideradas uma contribuição para a edificação magnifica que ha de servir de portico ao templo futuro da litteratura brazileira.

Pensais e sentis com uma vibração que nos toca e surprehende pela doçura e profundeza do accento e que vos singulariza, isto é, que communica ás vossas composições uma nota original, intima, toda pessoal.

E' que não vos fallece a condição vital da arte,—o poder de expressar e transmittir a emoção moral e a exaltação intellectual, a viva sensação da fórma e do colorido.

Mas nem a exquisita delicadeza da contextura, da fórma, nem a originalidade, o sainete do inesperado, que procurais imprimir em vossa poesia e em vossa prosa, vos pode remir do defeito que, antes resultado de vossa educação esthetica e intellectual do que originado por imperfeição organica de vosso talento, resalta em quantos trabalhos vossos tenho lido. Este defeito posso resumir n'isto: a preoccupação do absoluto e a inexactidão de observação, productos legitimos do—romantismo que disvirtua vossa organisação de artista e da—crença religiosa—metaphysica que impede-vos de ter clarividencia das coisas.

A' critica, mas á critica como é hoje feita em litteratura, em arte, etc.,

serena, com fóros de sciencia, como comprehendem-n'a os Taine, os Véron, os Sylvio Romêro, e he abrir o verdadeiro caminho á marcha de vosso bello espirito.

Até agora, porem, os encomiastas insulsos, creio que mais pela impossibilidade de adaptarem-se intellectualmente á comprehensão da mais pura e correcta expressão d'arte do que pelo consciente proposito de embriagar-vos com as emanações da lisonja que não impressionam os olfactos delicados, têm proclamado que todos os vossos productos litterarios apresentam a correcção plastica da estatuaria grega, são uma Venus de Milo, molde supremo da formosura primitiva eternisada no marmore, completa, sem falhas, tendo até braços.

Não, minha senhora. No cairel dos horizontes roseados pelo fulgor de vossa imaginação poetica ha laivos de sombra, ha mesmo mancha a pardejar; nos vossos contos, romancetos ou estudos de costumes pullulam exageros, inexactidões de observação, avulta como que uma hypertrophia de sensibilidade, que a fantasia e a indisciplina mental crêam.

O grande remedio eil-o:—o methodo naturalista. Desprendei-vos da falseada supposição de que o romantismo é forma immutavel em poesia, é a verdadeira intuição no romance ou no drama, quando essa phase litteraria, transitoria, que já passou, não pode ser hoje mantida sem pervertimento do bom gosto, da verdade e da emoção esthetica. Marca elle uma evolução do pensamento humano: não serve hoje de fóco de inspiração senão áquelles que, sem originalidade inventiva, porfiam em emitações trapentas.

A questão, a que me refiro, não é de fórma, de vestidura, puramente exterior: é de idéa, de pensamento.

A arte nova quer isto: a expressão sincera e espontanea dos sentimentos, as idéas adquiridas pela observação e analyse das coisas e dos factos. O que della afastar-se será facticio, superficial ou postiço. A emoção e a verdade ha de escassear-lhe.

Na poesia, no romance, como em qualquer outra manifestação artistica, o processo naturalista emprega, em substituição ás explicações phantasistas do idealismo, o estudo directo do mundo physico - a natureza e do mundo moral - o homem.

Mas escasseia-me espaço para abandonar-me a explanações sobre este assumpto e muito menos sou solicitado pela velleidade de discutir aqui vossa personalidade litteraria.

Aguardo maior tranquillidade de ánimo, que ora me fallece, para dar a ultima de mão em um estudo critico sobre os—Nossos poetas de hoje,—em cuja parada brilhante figura V. Exc. Então, servindo-me do novo processo critico, procurarei analysar linha por linha o contorno gracioso de vosso perfil litterario.

Quereis, porem, que vos aponte como guia dous modelos palpitantes de vida? Vou indicar-vos áquelles cujo talento é como que um facho vivo a illuminar novas faces n'alma humana e na natureza.

Eil-os: Zola, em França, e Eça de Queiroz, em Portugal, dous homens que trabalham incessantemente tendo por instrumentos maravilhosos de producção—a synthese e a analyse.

São duas autoridades indiscutiveis: segui-os, a elles, os grandes artistas que resumem o seu trabalho em—conhecer, observar e pintar.

Inspirando-vos no methodo fecundo da observação e experiencia, subtrahindo-vos á tyrannia do divino e do ficticio, podeis vir a ser a nossa M.lle Ackerman e a nossa M.me Daudet e opulentar o cabedal de nossa litteratura acrescentando-lhe joias de subido preço.

Até hoje tendes nos brindado principalmente com scenas pinturescas das magnificencias da natureza tropical, da terra opulenta saturada de sol, onde se esbate o azul que em nuvem de suaves effluvios baixa do céo. As galas do mundo exterior como que vos absorvem ferindo-vos vivamente a imaginação.

Paysagista, mesmo quando procurais mergulhar no fundo d'alma humana, apresentais os resultados de vossas pesquizas psychologicas envoltos no manto doirado das imagens que vos empresta a decoração da natureza.

Impressionista, porem, não annullais o vigor de expressão, a espontaneidade de pensamento e sentimento, pela preoccupação da fórma rebuscada, com que alguns poetas parnasianos supprem a escassez de originalidade de idéa.

As primicias de vosso talento auctorisam a prognosticar-vos successo no romance psychologico.

Largo espaço abre-se n'este dominio da litteratura á vossa creadora actividade: ahi estão ainda por estudar os variados aspectos da sociedade e civilisação brazileira, a psychologia intima e a psychologia social, terreno maninho quasi, onde pouco profundos têm sido os sulcos abertos por dous ou tres trabalhadores que se animaram a aral-o.

Releve-me V. Exc. estas considerações sem valia.

Uma convicção devo, porem, fixar em vosso animo: é que, onde quer que o galopar impetuoso da torrente do destino me leve e quaesquer que venham a ser as modificações em minhas idéas, a liturgia de meu culto pelos espiritos selectos de meu tempo e de minha terra terá sempre formulas rituaes que honrem vosso nome.

ABEL GARCIA

Fortaleza,—3—7—87.

Felicidade !...

Vi-o quando chegou. Vinha confuso, atrapalhado, não por elle mesmo que trazia amarrada na trouxinha a carta de liberdade, mas procurava a mãe, que fugira poucos annos antes e não tinha carta.

A Martinha não esperava o filho. Tambem não teve sobresalto nem alvoroço de alegria. Elle estendeu de longe a mão aberta e ella traçou uma cruz no ar, machinalmente, perguntando si elle estava bom. Os escravos não conhecem grandes emoções, acham tudo natural e simples; com a mesma passividade submettem-se aos impulsos da natureza e ao chicote do feitor.

Ella assentou-se no chão contra a parede, com os joelhos juntos e erguidos, as mãos entrelaçadas, abraçando ambas as pernas, e desfazia-se em perguntas com um grande esforço de attenção abestalhada e curiosa.

Perguntava pela filha. Si já tinha filhos? Com quem estava? Porque tinha vindo?

Elle contava tudo minuciosamente, sem rodeios, dizendo as cousas pelos seus nomes, sem constrangimento.

Ella desapprovou.—Que a filha fazia mal. Devia ter vindo logo. Deixasse-o! Andava mal encaminhada.

E chamou-lhe um nome feio.

—Sabe? disse elle. A Vicencia está livre.

—A Vicencia? E como?

O rapaz começou a explicar. Tinha avançado para a senhora moça, que estava lhe surrando o filho, um moleguinho de seis annos, um *ventre livre*, e tomára-lhe a creança. Fôra depois agarrada e mandada para o *carro*. Déram-lhe uma surra medonha, quasi a matam. Ella fugiu e veio para a cidade com as costas em carne viva, toda retalhada de chicote.—E os *moços da abolição* ahi mesmo torraram ella...

—Que felicidade!... interrompeu a Martinha.

« Mandaram-n'a para o hospital, esteve entre a vida e a morte mas, quando sahiu, déram-lhe a *carta* »

—Veja lá o que é ter sorte, heim!...

O rapaz insistia em pormenores sobre os ferimentos da Vicencia. Tinha detalhes horriveis. Asseverava que haviam deitado sal nas feridas.

Finda a narração, a Martinha perorou lentamente, com um tom de convicção profunda, repassado de inveja:

—Quando a gente é feliz, é assim mesmo!

BRUNO JAY.

ANNUNCIOS

Pharmacia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE
Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.

Sortimento completo de homœopathia em tintura, globulos e cartelas. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.

36—RUA DA BOA-VISTA—36
CEARA'

Motta Vieira & C.ª

88--Major Facundo--88
FORTALEZA
Importadores e exportadores.

A QUINZENA

Escriptorio da Redacção

RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Todos os negocios relativos á administração trata-se com

O gerente,
JOSE' OLYMPIO.

CLUB LITTERARIO

56--RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Abre-se diariamente das 10 horas da manhã ás 10 da noute.

Acham-se á disposição dos Srs. socios jornaes e revistas nacionaes e estrangeiros.

LOTERIAS CEARENSES
GARANTIDAS
NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transferencia. Bilhetes á venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48--Rua da Boa-Vista--48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.

Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.as Sras.

Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliás reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

Notre-Dame de Paris
LOJA DE MODAS E NOVIDADES
RUA DA BOA-VISTA N. 42

Este estabelecimento se acha montado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim oferecer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.

Especialidade em calçados de luxo, chapeos e tecidos, novidades.

Enxovaes para casamentos e baptizados.

NABOR A. CHAGAS & C.ª
Ceará.

COSTA SOUZA

Especialidades em fazendas modernas, chapéos, calçados, luvas e perfumarias finas.

Fortaleza
86 A Rua do Major Facundo

ALFAIATARIA
DE
OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.ª

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a
Joalheria, Relogios
de todos os generos
Compram sempre **ouro velho** e moedas.

73 -RUA DO MAJOR FACUNDO--73

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para
Uso domestico
Louças, vidros, mobilias etc
Objectos para viagens, brinquedos para crianças.
ARTIGOS PARA JOGOS
Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.

59--Rua do Major Facundo--59

GUILHERME ROCHA & C.ª

RUA FORMOZA N.º 71.

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I | GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA. | N.° 65

FORTALEZA, 26 DE AGOSTO DE 1887.

REDACÇÃO :

JOÃO LOPES, JOSÉ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

SUMMARIO

Expediente;
Apontamentos esparsos. —JOSÉ CARLOS JUNIOR;
A Iguez. -BRUNO JACY;
O Justo. -J. MARTINS;
O papagaio.—PAULINO NOGUEIRA;
Abysmo...—J. G;
Os quinze dias.—J. L.;
Sciencias naturaes. — RODOLPHO THEOPHILO;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre.	2$000
Semestre	4$000
Anno	8$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5$000
Anno	10$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

Apontamentos esparsos

I

Pessimismo—é a nota dominante na litteratura hoje em dia, e o oriente da Europa é que toma a dianteira no encaminhamento das novas escolas.

Algumas considerações sobre esses dous factos, intimamente ligados um ao outro.

—

Do mundo slavo é que nos tem vindo por differentes vezes e segundo a feição dominante de cada epoca o sopro de pessimismo, que presentemente anima as litteraturas occidentaes. O realismo russo, naturalismo crú, que desenvolveu-se desde Bulgarine até Dostoiewsky e Bjelinsky, teve o seu echo em França; Juliusz Slowacki, o tenebroso poeta polaco, a quem Mickiewicz chamou o Satanaz da poesia, trouxe para o occidente o germen da escola satanica, que. desde Baudelaire, mais ou menos accentuado em grande parte da nova geração litteraria, está se fundindo na grande nevrose do seculo, no pessimismo agitado de Rollinat, no estortegar epileptico de Richepin, no desanimar fatalista de Bourget. Por toda parte a litteratura actual transpira esta agitação constante e dolorosa do espirito humano, abatido pela sua contingencia, impotente para resolver os problemas, que continuamente elle se propõe sob mil formas, sentindo cada vez amesquinhar-se-lhe mais a propria concepção de si e das suas forças, o pessimismo emfim.

E como é impossivel pensar em tal assumpto sem entrar pelo mundo slavo todas as vezes que uma rapida inspecção de qualquer producto das litteraturas romanicas revela-nos ao menos laivos de pessimismo, temos necessidade de reportar-nos aos escriptores moscovitas, e nova occasião de verificar a sua influencia, cada vez mais crescente.

Não muitos annos passarão sem duvida, antes que a necessidade de conhecer a lingua russa venha se nos impôr e constituir uma parte essencial da educação litteraria, devendo figurar no programma dos lyceus. Emquanto, porem, isto não se dá, resignemo-nos a familiarisar-nos com o espirito slavo por meio das traducções, que felizmente vão inundando a França, a Allemanha, a Italia.

O primeiro realista russo, que directamente influiu nos litteratos francezes foi Turguenieff, já pela sua amisade e convivencia com alguns delles, especialmente Flaubert, já pela feição particular do seu estylo, mais facilmente assimilavel ao publico francez.

Desde as primeiras obras de Turguenieff até a recente expansão das de Tolstoi, nenhum outro vulto de estatura igual ou mesmo approximada a destes dous grandes escriptores, conseguiu, como elles, firmar uma reputação européa e occupar um posto entre os encaminhadores da litteratura moderna.

Puchkine, Lermoutoff, Griboyedof, quando foram conhecidos no occidente, já o byronismo declinava, e só poderam revelar a pujança, com que o scepticismo romantico, florescera na Russia. Gogol não fora mais do que uma brilhante phase da transição para o realismo possante, o espirito eminentemente moderno d'aquelles grandes vultos.

Recentemente á sombra desses grandes nomes, as obras do finado Dostoievsky, Gontcharoff e Pisemsky são freneticamente tradusidas.

Ha, porem, um romancista, já desde uns dez annos acclimado em França, que está no caso de ter menção particular e quiçá de ser estudado previamente por aquelles, que desejarem travar conhecimento com a litteratura slava.

Não é um moscovita, escreve em allemão, comquanto filho da Gallicia e de espirito profundamente slavo. E' quasi ocioso dizer que o Sacher-Masoch.

Discipulo fiel e intransigente de Schopenhauer, Sacher-Masoch, representa o pessimismo puro e genuino, o que se poderia dizer orthodoxo.

Depois de conhecel-o, então poderemos procurar as differentes nuanças dos realistas russos.

Longe de cogitar reformas, como Tolstoi, sem se preoccupar dos processos realistas recommendados por Zola e seus adeptos, que elle cordialmente detesta e de quem timbra em affastar-se, apezar de alguns leves pontos de contacto, Sacher-Masoch parece cogitar unicamente de revelar os costumes do seu paiz e essa philosophia popular, caracteristico do slavo e esforça se para mostrar quão profundamente arraigadas estão as suas concepções no espirito dos habitantes das steppes—esses budhistas da Europa, como já foram chamados. Por isso, apezar da preeminencia, que em suas narrativas dá á descripção, não tem escrupulo uma ou outra vez em *tratadizar*, particularmente nas suas primeiras composições, chegando até, como em *Don Juan de Koloméa*, *Frinko Balaban* e outras novellas, a tran-

screver, quasi litteralmente, longos periodos do *Mundo como Vontade e Representação*.

Analysar as concepções de Sacher-Masoch, os seus pontos de vista, seria analysar Schopenhauer.

Considerar a vida como um composto de soffrimentos, duvida, angustias, desespero, o amor como um mal peior do que a vida, por isso que é o seu prolongamento ou a victoria della sobre a unidade soffredora—o homem, que reconhecendo-a um mal, é arrastado fatalmente a produzir novas victimas para ella; eis os seus pontos de partida.

O amor é uma guerra entre os sexos, uma luta, que a natureza, a nossa maior inimiga, nos impõe fatalmente para que subsistam sempre as dores, os soffrimentos—o *Weltschmerz*. A mulher só vive do amor do homem e para elle; é esse o unico alvo da sua vida. Resulta d'ahi que duas mulheres são sempre como dous officiaes do mesmo officio.

Toda resistencia contra a natureza é vã; seremos sempre victimas d'ella; só nos resta pois cumprir cada um, conscienciosamente e com satisfação o seu dever.

Vê-se, pois, que o realismo de Sacher Masoch está longe, muito longe do chefe francez. Elle mentiria ás doutrinas do grande philosopho pessimista si os seus romances podessem deixar no espirito do leitor a impressão penosa, acabrunhadora, dissolvente, que deixam os de Zola, e é muito zeloso da philosophia do seu mestre para fazel-o. A impressão que elles deixam, é justamente essa melancolia suave, essa tristeza profunda, porem calma, que caracterisa os povos slavos e que elle com tanta felicidade assemelha e associa á monotona extensão das planicies orientaes da Europa. O seu impressionismo é eminentemente consolador, como a philosophia de Schopenhauer.

Que o pessimismo Schopenhaueriano é perfeitamente assimilado pelo espirito slavo é cousa verificada e estaria patente na longa lista de pensadores modernos russos e polacos, desde Trentowsky até Gumplowicz, quando mesmo não estivesse ahi o nihilismo, revelando de sobra a sua intima afinidade com o budhismo

Na continuação destes apontamentos esparsos, veremos na litteratu-moderna confirmada a reivindicação, que faz Sacher-Masoch, de Schopenhauer, como o philosopho do mundo slavo. E embora affeiçoado particularmente á Austria, embora tenha *a alma preta e amarella*, como dizem os seus patricios, alludindo ás côres nacionaes, Sacher-Masoch revela-se profundamente imbuido desse pessimismo nacional dos slavos, desse budhismo europeu, que tem produzido a abnegação assombrosa dos nihilistas e os elevadissimos pontos de vista de Tolstoi.

José Carlos Junior.

A IGNEZ

(BYRON)

Não rias, si me vês sombrio e pesaroso;
Meus labios nunca mais um riso ha de enfeitar:
P'ra sempre te defenda, amiga, o céo bondoso
De um pranto sem consolo um dia derramar.

E vens me perguntar que dor secreta e funda
A flor da mocidade emmurchecer me faz?
Ah! deixa este pesar, que o coração me inunda,
Embalde alliviar tal pena buscarás.

O amor já não me abraza, a raiva não me excita,
Nem são de gloria vã perdidas ambições,
Que fazem-me odiar esta vida maldita
E aquillo a que votei mais fundas affeições.

E' triste lassidão, que mata e desencanta
Tudo o que eu posso ouvir, tudo o que eu posso ver
Mesmo a belleza já meu peito não encanta,
Teus proprios olhos mal teem sobre mim poder.

Tenho aquella tristeza immensa, que seguia
O eterno caminhar do misero Judeu,
Que nada vendo alem da negra campa fria,
Descanço espera só da morte sob o véo.

Do proprio coração fugir embalde eu tento
E ao mais remoto clima azylo vou pedir;
Vae commigo um demonio atroz—o pensamento,
Sempre a me torturar, sempre a me perseguir.

Quantos desfructam hoje o gozo mais fagueiro,
Immersos no prazer, que outr'ora já gozei!
Dure esse gozo mais que um sonho passageiro,
Não venham dispertar como eu já dispertei!

Minha sorte é vagar, vagar, sem que descance,
A recordar sem tregua um passado de horror.
Só tenho por consolo o ver que, em todo o transe,
Inteiro já vasei o calice da dor.

Qual a dor que me punge? o que eu tenho soffrido?...
Cessa por compaixão, cessa de interrogar!
O humano coração conserve-se escondido!
Si o desvendasse, o inferno iria revelar.

Bruno Jacy.

O JUSTO

"A hora se approxima... A noite principia.
"O' doce filha minha, achega-te ao meu peito;
"Eu quero conduzir na fronte nua e fria
"Um casto beijo teu". . Depois, calmo, perfeito

Abraça ternamente a virgem lacrimosa
E diz-lhe suspirando: —"Eu sei que vou morrer;
"No entanto me parece agora reviver
"Noutra esphera melhor, serena e luminosa."

—"O' pae, diz-lhe a donzella, um ultimo favor
"Eu venho te pedir... Consente que um pastor
"Em preces te encaminhe aos páramos dos céos."

O velho moribundo erguendo os olhos baços,
Ao manto do infinito, aos limpidos espaços,
Morrendo replicou:—"Eu creio em ti e em Deus!"

Fortaleza—1887.

J. Martins.

O PAPAGAIO (¹)

Ha de diversas especies: o cinzento de Guiné, verde ou kuruba, amazona, colleirado. Rienzi no principio de sua obra sobre a Oceania nos falla tambem no preto da Polynesia, e Caldas Aulette no seu «Dic. Contemp. da Ling. Port.», sempre cheio de novidades, nos falla igualmente em uma especie inteiramente desconhecida—papagaio do mar, ave palmipede aquatica! Devido a certo artificio, quando pequenino, consegue-se o contrafeito, de côr linda. O amarello, do bico branco, pode-se dizer caso esporadico no genero.

E' a ave mais conhecida de todo mundo, tanto pela antiguidade, como ubiquidade e extraordinaria celebridade, particularmente do cinzento de Guiné, que entre nós corresponde ao verde, aquelle a que se refere a musa popular:

Papagaio louro
Do bico dourado,
Leva-me esta carta
Ao meu namorado;
Elle não é frade,
Nem homem casado:
E' mocinho solteiro,
Lindo como um cravo. (2)

Na antiga Roma, refere P. Posser, «Maravilhas da Creação», pag. 153, o papagaio já era tão apreciado que figurava nos banquetes dos Imperadores, os homens traziam-no no dedo, e era tractado por creados especiaes que, entre innumeras cousas que tinham de ensinar-lhe, não deixavam de fazel-o aprender o nome de Cezar.

Alexandre o Grande, quando foi á India, já lá encontrou papagaios domesticados, d'entre os quaes trouxe um, que celebrisou-se na historia; ao mesmo tempo q' Christovão Colombo, ao aportar á America, já os encontrou igualmente!

Na America o padre Simão de Vasconcellos refere a lenda entre os indigenas—de que o paiz fora povoado pelos dous irmãos Tamandaré e Ariuti, mas brigaram e tornaram-se irreconciliaveis—por causa de um papagaio muito fallador—que um tinha e que foi invejado pela mulher do outro; pelo que Ariuti foi povoar o sul—Buenos-Ayres, Chile e Perú (Chronica da Companhia de Jesus, Liv. 1.º n. 75, pag. 79). Esta mesma lenda Porto Alegre colligiu no seu «Colombo», Vol. 2.º, Cant. 29, pag. 260:

No centro estava figurando
A familia loquaz dos papagaios!
Pelo bico revolto dialogando
Em rude metro memoram lendas!
Ouviu-se a causa das perpetuas (guerras,
Dos ciumes innatos entre as aves;
E o como em tempos das primevas (tabas
Deu causa um papagaio á luta e ao (odio
Que a tribu separou, ficando imigos,
As crenças decompondo, a lingua e (usos.

Não é menos singular outra lenda attestada por escriptores de criterio,—de, entre os Maypuras viver um velho papagaio que elles diziam não comprehenderem por fallar a lingua dos Aturés! («Tablaux de la Nature», Tom. 2º, pag. 230, 1.ª ed.) E Gonçalves Dias não duvida acreditar que esse velho papagaio fora o unico depositario do idioma dos mesmos Aturés. («Brazil e Oceania, Obras Posthumas», Vol. 6, pag. 273.)

Nem faça duvida a longevidade do papagaio; pois L. Figuier assevera que «As Memorias da Academia das Sciencias de Pariz» mencionam um papagaio, que pertenceu á familia do Gram-Duque de Toscana, e viveu em Florença mais de 110 annos.

O papagaio, diz ainda Pedro Posser, tem memoria, tino, astucia e reflexão; tem consciencia de sua individualidade; é orgulhoso, valente e affectuoso; até mesmo terno para com as pessoas que estima. Pode delle dizer-se que é fiel até a morte e racionalmente grato. Consegue com perfeição imitar a voz humana e repetir as palavras, no que excede todos os outros animaes, e por vezes ultrapassa tudo quanto é verosimil. Não palra, falla, e sabe o que as palavras exprimem (Obr. cit. pag. 152; ou como disse Durão no seu «Caramurú», Cant. 7, Est. 6:

Vão pelo ar loquazes panagaios,
Como nuvens voando em copia in- (gente.
Iguaes na formosura aos verdes (Maios,
Proferindo palavras como a gente.

Como a gente profere as palavras, esse dom celeste, diz José de Alencar, que Deus deu ao homem e recusou a todos os outros animaes, a mais sublime expressão da natureza, que revela o poder do Creador e reflecte toda a grandeza de sua obra prima!

Por isso o celebre naturalista allemão Brehn chamou-o—ave-homem,—accrescentando: «Não é accaso ou capricho, é a justa apreciação do seu merito que me leva a conceder-lhe o logar de honra.»

O mesmo Brehn e Lenz fallam do papagaio Jaco de um modo a causar verdadeiro pasmo! Em 1830 pertenceu ao mestre de cerimonias da cathedral de Triesto, Hanikl, que cuidou de sua educação e chegou a desenvolver-lhe superiormente as faculdades. Excitou o espanto geral um artigo que o Conde Gourcy-Droitaumont publicou acerca desta ave, artigo esse que foi completado pelo presidente Kleimayrn, á pedido de Lenz, ultimo proprietario de Jaco.

Demos a palavra a Pedro Posser para contar as maravilhas incriveis que operava esse papagaio:—

«Jaco reparava em tudo, e tudo apreciava, respondendo com acerto ás interrogações, obedecendo as ordens que lhe davam, saudando as pessoas que chegavam e as que se retiravam, tendo o cuidado de dizer—bons-dias—de manhã, e—boas-tardes—á tarde. Quando tinha fome pedia de comer. Conhecia todos os membros da familia pelo seu nome proprio, e alguns mereciam-lhe preferencia. Se era a Kleimayrn que se dirigia, dizia-lhe:—«Anda cá, papá». Cantava, fallava e assobiava como um homem. Por vezes parecia um improvisador discursando, a quem o enthusiasmo arrebatava, e dir-se-ia ouvir á distancia a voz d'um orador.

«Quando lhe perguntavam: como falla o cão, ladrava. Se lhe diziam: chama-o, assobiava. Por vezes ao fazer exercicio dava as vozes—Sentido! hombro armas! preparar! apontar! fogo!—e quando dizia fogo fazia immediatamente—pum! e accrescentava:—bravo, bravissimo. Mas como algumas vezes se esquecia da voz de fogo, não accrescentava então ao pum as palavras bravo e bravissimo, como tendo conhecimento de que praticára um erro.

«Se via pôr a toalha na mesa, ou se n'outro quarto ouvia o ruido dos pratos, gritava logo: Vamos comer, vamos para a mesa. Se o dono sahia só, ao vel-o abrir a porta, gritava-lhe: Guarde-o Deus. Mas si ia acompanhado, dizia sempre: Deus os guarde a todos.

«O dono do Jaco tinha uma perdiz, e a primeira vez que o papagaio a ouviu cantar virou-se para ella e gritou-lhe:—Bravo, pequena, bravo!

«Em Vienna ensinaram-lhe a cantar uma aria da Martha.

«O presidente Kleimayrn morreu em 1853. Jaco adoeceu de pezar. Em 1854 collocaram-no n'uma pequena almofada, e tratavam-no com o maior carinho. Ainda fallava e repetia com a voz triste: Jaco está doente, está doente o pobre Jaco! E assim morreu (Obr. cit. pag. 155).

Levaillant tambem conta o seguinte de um papagaio que viu em casa de um commerciante em Amsterdam:

«Chamava-se Carl e fallava como Cicero. Tudo quanto lhe ouvi, discursos inteiros, que me repetiu sem faltar uma syllaba, seria materia para um livro.

«A' voz do dono trazia o barrete de dormir e as chinellas; chamava a criada si careciam d'ella. O seu pouso favorido era na loja, onde era bastante util; porque si alguem en-

trava, não estando o dono, chamava-o até que elle ou alguem apparecesse.

"Tinha excellente memoria e sabia phrases inteiras em hollandez, e só aos 60 annos começou a perder a reminicencia, e a pouco e pouco foi esquecendo o que sabia."

Goldsmith tambem refere que o rei Henrique VIII tinha um papagaio preso n'um quarto, cujas janellas davam para o Tamisa, donde veio a aprender algumas phrases repetidas pelos marinheiros. Um dia que a ave cahiu de uma das janellas ao rio, gritou :—Um bote, venha um bote ! vinte libras a quem me salvar !

Um barqueiro, a quem estas palavras fizeram suppor que alguem cahira no rio, correu apressadamente e grande foi a sua surpreza vendo que era o papagaio ! Mas, reconhecendo o ser do rei, salvou-o; e o rei, depois de rir-se do caso, pagou ao barqueiro as 20 libras que lhe havia promettido o seu papagaio.

Lemaout igualmente narra que na cidade da Normandia uma mão desapiedada tanto bateu n'um filhinho de 5 annos que o matou. A justiça humana não lhe tomou conta do barbaro assassinato, mas o papagaio de um sapateiro defronte tomou a seu cargo castigar a mãe desnaturada A' toda hora repetia as palavras angustiosas da criança, quando era castigada : —Porque me bate? porque me bate ? E com tal assento de dor as proferia que afinal de contas os transeuntes vieram a saber do facto, e a mulher teve de retirar-se para evitar a indignação publica !

Agora vamos a um papagaio nosso; mas, para evitarmos suspeitas, ouçamos a João Locke, philosopho profundo e moi grave escriptor, no seu importante trabalho—"Ensaio sobre o Entendimento Humano" :—

"O principe Mauricio, governando o Brazil, ouviu fallar tanto d'um papagaio do sertão que instou por que lh'o trouxessem à sua residencia. Assim que a ave entrou na sala, onde o principe estava com seus officiaes, gritou logo em lingua portugueza :—Que gente branca está aqui ? —Um hollandez, que sabia portuguez, perguntou-lhe apontando para o principe—que homem é aquelle ? E o papagaio respondeu : —Algum general. Mauricio chegou-se para elle, e disse ao interprete que lhe perguntasse donde vinha? —Do Maranhão, respondeu a ave. Continuou a conversa com as seguintes questões :

—Quem é teu amo ?

—Um portuguez.

—Que fazem em casa de teu amo ?

—Cuidar nos pintos.

Pasmaram todos com respostas tão promptas, mas à ultima foi geral a gargalhada; o papagaio, porem, como se apercebesse, retrocou logo.

—Sim, senhor, sei cuidar nos pintos; e poz-se a cacarejar como a gallinha que chama os filhos !"

Diz Locke que a pessoa que referiu-lhe este dialogo affirmou-lhe tel-o ouvido do proprio principe, que observou que ainda que elle não entendia o portuguez, comtudo estavam presentes muitos hollandezes, que o sabiam, e brazileiros que sabiam o hollandez ; e, interrogados particularmente, concordaram todos nas respostas. (Vid. "Panorama", Vol. 4, 1840, pag. 37.

Não tem, portanto, razão Aimé Martin para dizer que o cão civilisado não repete pensamentos como o papagaio repete as palavras, *sem lhes perceber o sentido.* (Educação das Mães de Familias, pag. 164.)

Agora, pergunto eu, depois de autoridades e testemunhos tão importantes, se poderá mais escarnecer de innumeras anedoctas attribuidas ao papagaio cearense ? Algumas podem ser inventivas, mas outras exactas, todas provaveis ou possiveis.

Estas eu garanto :

Uma senhora respeitavel desta capital, tia do major Joaquim Feijó, teve, ainda não faz muito, um papagaio, que dizia com todo o desembaraço e explicadamente :

Papagaio brazileiro,
liberal, republicano,
aborreço a monarchia,
detesto ultramontano.

Ao dizer-se-lhe—Viva o Dantas,—elle gritava logo—Viva o Nabuco! E si lhe dissessem—Viva o Nabuco,—elle gritava—Viva o Dantas !—e fingia logo em seguida tal e qual o ronco, subida e estouro do foguete ao ar !

Este papagaio foi mandado de presente ao commendador Ichlirerico Pamplona, na côrte, e esteve em exposição por muitos dias na rua do Ouvidor.

Eu tambem possui um papagaio, presente que me fez o capitão Antonio Gonçalves, da Varzea-Alegre, que resava o "Bemdito" perfeitamente ; arremedava tão bem à gallinha choca que custei a dissuadir-me do engano. Quando ouvia fallar-se mais alto com um criado, gritava logo : —Diabo sem vergonha,—como que reprehendendo, ou activando-o.

Este papagaio dei-o de presente ao meu cunhado e amigo Dr. João Franklin de Alencar Lima, na Côrte, que penso o offereceu à Exm.ª Marqueza de Paranà.

Mas não foi somente o papagaio --animal que tornou-se celebre : este com effeito tornou-se celebre até nas nossas pendencias diplomaticas, onde figura Portugal no reinado de D. João II, chamado "O principe perfeito", em risco de quebrar suas relações amigaveis com a França, porque na restituição de umas presas por Carlos V, faltara um papagaio ! (Vid. Monte Verde, "Manual Encyclopedico", pag. 555.)

Mas não menos celebre tornou-se o papagaio—brinquedo de creanças; porque, graças a este, chegou o grande Benjamin Franklin à descoberta do pára-raio por via da electricidade, um dos maiores prodigios deste seculo, e a merecer de Turgot este esplendido e merecido elogio :

Eripuit celo fulmen
Sceptrum que tyrannis.

(Arrebatou do céo o raio e dos tyrannos o sceptro.)

PAULINO NOGUEIRA.

(*) Lacerda no seu «Dic. da Ling. Port.» diz que esta palavra é americana; Varnhagen na sua «Hist Ger. do Braz.» Tom. 1.º, pag. 185--que é africana; e Moraes no seu «Dic. da Ling Port.»--que é derivada do arabe—papagai ; no que estou mais de accordo, pois é mais natural.

(2) No *Globo*, da Côrte, de maio de 1875, sob a epigraphe—"Poesia Infantil", foram publicados esse e outros versos, do mesmo genero, em forma de collecção, trabalho attribuido ao grande jurisconsulto brazileiro Teixeira de Freitas !

ABYSMO...

E's um abysmo ! Em teu seio
Vertigens, prantos, enleio...
A dôr, a febre, o dilirio...
A morte após o martyrio !

. . . . . .

Ver-te basta—nada mais !
Fascinado o caminheiro
Por teus olhares fataes...
Eil-o, vae... corre ligeiro
Para o teu seio fragueiro,
Qual na corrente o madeiro
Para a voragem arrastado...
Ou como gemente alado
Muitas vezes no vergel
Dominado busca tremulo
A serpe linda e cruel !

Qu'importa que em ti, abysmo,
Veja a morte o desditoso ?
Que no teu collo mimoso
Se occulte lethal veneno ?
E o desespero no riso...
E zelo e magua no olhar ?
E a embriaguez dos sentidos
Nos cabellos, nos vestidos...
Delirio, penas, gemidos
Nas phrazes de teu fallar ?
Qu'importa, sim, oh ! que importa ?
Si é melhor em ti a morte,
Ai, do que a vida sem ti ?...
Si é meu destino buscar-te
Embora fujas de mi ?...
Si é meu destino lançar-me,
Nocturno insecto, nas chammas...
Logo abrazar-me e morrer ?

Hei de amar-te, pois, e sempre...
Embora sempre a gemer!
Como a sombra de teu corpo
Que não te larga jamais...
Hei de assim acompanhar-te!
Nauta em mares de tormenta,
Que importa a vaga fremente,
E a penedia ou torrente?
Lutarei sempre tenaz!
Debalde, pois, tu me foges
Com teus sorrisos mortaes!

Debalde! que és meu destino,
Funesto abysmo! E em teu seio,
Vertigens, prantos, enleio...
A dôr, a febre, o delirio ..
A morte após o martyrio!..

J...

OS QUINZE DIAS

Esta secção tem o dever de começar do principio. Pode parecer exquisito, mas é inevitavel.

Registremos, pois, o facto culminante dos quinze dias —a kermesse.

O Ceará, em que pese aos maldizentes e aos pessimistas, tem esta superioridade incontestavel—o poder de assimilação desenvolvido em proporções inalcançaveis por outros povos, mais vantajosamente armados para o certamen da vida.

Si não houvesse factos anteriores que dão a este asserto cunho irrefutavel de verdade evidente, a kermesse, ideiada, pensada, discutida, preparada e realisada em duas semanas, bastaria por si só para provar a justesa delle.

Pensaram na kermesse os que conheciam a cousa, realisaram-na os que em tal cousa só tinham ouvido fallar muito accidentalmente, mas com uma mestria, uma pericia, que daria honra a hollandezes, profissionaes em kermesses e empresas similares.

Intuição, verdadeira intuição do bom e do bello, eis como se explica o successo enorme, maravilhoso, da nossa primeira tentativa.

As senhoras e o povo, dous elementos fundamentaes, indispensaveis, porem de jogo delicadissimo, de emprego difficil e arriscado, foram postos em contribuição, com uma facilidade que, comparando mal, só se podia esperar de combinações mechanicas, tal foi a facilidade com que deslisaram em suas orbitas respectivas essas duas difficilimas engrenagens do pasmoso engenho do universo —o povo e a mulher.

Para nós a kermesse tem muito mais valor probante em favor da vitalidade do Ceará do que os balancetes do thesouro, que no dia 3 de setembro a chegar, teem de consignar a preapplaudida declaração solemne de que —não devemos nada a ninguem.

E dispensem-nos de demonstral-o que é perder tempo util e precioso.

Nota especial merecem os intuitos que conduziram a sociedade em geral, da primeira á ultima camada, a despejar nas bolsas das kermesseiras as bellas notas do thesouro tiradas de aristocraticas carteiras de couro da Russia e o vintem magro e seboso guardado em largas algibeiras de blusa operaria, de mistura com o lenço de Alcobaça e o cigarro pardo e fetido de uso do jornaleiro: —levantar um monumento, o primeiro monumento que o povo cearense levanta, não por vaidade bairrista, mas por altruismo patriotico.

Paga-se uma grande divida nacional, não se rende culto á presumpção egoistica de campanario.

O Brazil deve muito mais a Tiburcio do que o Ceará.

Si é este quem toma a si saldar o debito da gratidão d'aquelle, é que o Ceará passa de ouvidos cerrados atravez das murmurações e das pragas, sem olhar para os garotos que o lapidam aqui, sem ver os sicarios que acolá lhe armam emboscadas, ouvindo só o clarim da gloria que seduz, vendo exclusivamente as roseas cortinas do horisonte immenso, onde passa o cortejo do bem, a procissão das grandes virtudes.

Ser grande assim foi a enorme força de Jesus.

Crucifiquem-nos, tambem; porém não nos procurem depois na sombra do sepulchro.

Pela patria sugaremos o fel de todas as esponjas; pela gloria ensoparemos de sangue os cravos de todos os supplicios; mas, quando a guarda feroz da inveja e do despeito quizer arrancar-nos o corpo de martyr ás camaras negras do seio do Golgotha, para expol-o á profanação dos corvos, as azas brancas da posteridade tel-o-ão depositado nos altares do pantheon dos immortaes.

Consolemo-nos na convicção dos estimulos sagrados que nos incitam, e, com os olhos cravados no marmore purissimo do pedestal, onde vae repousar a figura do nosso melhor guerreiro, elevemos á patria o hymno do nosso amor, junto com a prece ao Deus dos exercitos para que á terra do Brazil não faltem nunca Tiburcios que a saibam ennobrecer e glorificar.

—

O monarcha brazileiro está a banhos em Baden-Baden, onde tem passado bem de saúde, muito obrigado.

Nas horas vagas o imperador faz sonetos ruins, a que a reportagem da comitiva atira-se como gato a bofes, e pensa na solução do problema da navegação aerea, com que S. M. pretende abreviar as distancias e supprimir o enjôo.

Em quanto a isso os meetingueiros da côrte fazem caretas ao throno e dão vivas ao exercito, quando a cavallaria do mesmo exercito faz evoluções, de sabre desembainhado, cavallos mordendo o freio e levantando a pata sobre o lombo curvo da multidão que corre com o enthusiasmo recalcado nas cavernas do peito e as canellas destendidas em vertiginosa desfilada, rua á fóra.

A nação toma banho tambem, como o dono da nação, com uma differença apenas: o rei lava nas aguas thermaes, o resquicio que lhe ficou d'aquella exquesita molestia chamada—estado satisfactorio, em quanto a nação banha-se... em pranchadas de sabre, para lavar-se da hedionda nodoa de querer considerar livres os pretinhos illegalmente matriculados em Campos.

S. M. accorda no coração dos chronistas europeus as cordas mais brandas e sono as do elogio, emquanto seu povo, o que foi creado a brincar nos degraos do throno, accorda, na consciencia da gente seria, a lastima, a decepção o o tedio que podem inspirar arruaças e gritarias mais ou menos descompassadas.

—

A crise...

Ahi tem os Srs. um pratinho rico, que tem feito as delicias dos pequenos que vendem os jornaes da tarde, ha bem tres quinze dias.

Invariavelmente, quando o sol descamba e os empregados publicos sahem apressadamente de suas bancas poeirentas em busca da magra sôpa quotidiana, grupos mais ou menos insignificantes, encostam-se preguiçosamente ás portas das barbearias e ás vitrinas das lojas de modas. E a *crise* é invariavelmente o thema obrigado da palestra.

A julgar pelo que affirmam estes flanadores e as agencias telegraphicas das folhas quotidianas, nada menos de seis vezes havia já dado de catrambias a geringonça que fez dous annos a 20 deste corrente mez asiago e que o Sr. de Cotegipe mantem perfeitamente equilibrada entre a confiança da corôa e o voto quasi unanime da camara temporaria.

Entretanto, quando, com a mais santa ingenuidade, esperam os alviçareiros a boa nova de um ministerio presidido pelo Sr. João Alfredo, um messias inventado do pé para mão, pela necessidade de uma qualquer cousa que preencha a falta de homens no paiz, sahe-nos a Agencia Havas com a noticia de um banquete e baile dado em honra e commemoração da ascenção do partido conservador, o mesmo por cujo eterno repouso tanta gente se preparava para resar multidão de terços e coroas.

Portanto, si crise houve, foi nas capociras de perús, sacrificados ao enthusiasmo pantagruelico dos situacionistas em banquete commemorativo

—

E fóra isso nada mais que conste, e, que constasse, nada mais que possa ser incluido nestas notas em desalinho, porque... acabou se o espaço.

J. L.

Sciencias naturaes

A LUZ

A physica tem tambem a sua historia. Os antigos pouco a conheciam e porisso acreditavam immensa a sua esphera. Assim a astronomia, a chimica, a historia natural augmentavam o campo d'aquella sciencia até que estudos mais profundos, conhecimentos mais sérios a separou das outras sciencias. Os escriptos de Aristote, Plinio, Seneca, provam que em seu tempo o estudo da physica se resumia a descripções de phenomenos que se passavam no solo, na atmosphera, descripções estas incompletas e as vezes inexactas, como tambem tentativas explicativas d'aquelles phenomenos, mas sem valor.

Não conheciam o methodo experimental, contentavam-se com a observação dos factos, porém uma observação toda incompleta.

Nunca pediram á experiencia a confirmação do que observavam. As suas pesquizas não se bazeavam na analyse experimental, explicavam tudo conforme as exigencias de suas concepções puramente idéaes, e queriam assim penetrar nos mysterios da natureza!

De utópia em utopia pretendiam chegar ao descobrimento das leis immutaveis que regem o mundo material.

Admittiam os phenomenos que observavam á causas occultas e não procuravam estabelecer uma serie de observações, de experiencias escrupulosas que lhes orientassem a dependencia mutua dos phenomenos, suas relações com os egentes phisicos.

Os philosophos da edade media não foram mais felizes que seus antecessores. Tinham laboratorios, repetidas eram as experiencias, mas a physica não progredia, pois elles, inteiramentd dominados por chimericas concepções, esterilisavam todo o trabalho, a grande somma de esforços á realisação de uma utopia, a sonhada *pedra philosophal*!

Não pode-se dizer que foram absolutamente improficuos os seus tentames, a alchimia tirava do cadinho, da retorta, não o almejado ouro, mas uma nova substancia, um corpo desconhecido e assim enriquecia a industria, dotava a chimica com mais um metal, um metalloide. Foi assim que Brandt descobriu o phosphoro.

Os utopistas ainda hoje procurariam alcançar a *transmutação dos metaes* si o progresso da sciencia não os convencesse de que elles eram sonhadores de vãs chimeras!

A base do estudo da physica foi então lançada e os laboratorios convertidos em escolas do methodo experimental, cujas leis Bacon dictou em uma celebre obra o *Novum organum*.

O systema analytico alargava todos os dias o campo das descobertas e cada seculo que passava registrava grandes inventos devidos ao methodo experimental.

E' assim que Gallileu escreve as leis do pendulo; Descartes publica a sua dioptrica; Pascal lança as bazes da hydrostatica em um livro so-

bre o equilibrio dos liquidos; Newton publica um tratado de optica e tão importante n'aquella epoca que illustrou o seu nome.

Os limites da physica estavam traçados; as outras sciencias naturaes haviam se separado d'ella e constituiam cada uma um ramo especial, uma sciencia distincta. Entretanto, os conhecimentos dos illustres physicos d'aquelle tempo estavam muito longe da physica moderna!

As descobertas se multiplicaram e com ellas a publicação de novos livros.

Alguns seculos se passaram para que viesse a luz a primeira obra completa de physica, a qual se deve a Biot e foi publicada no começo deste seculo. O illustre naturalista traçou então um novo itinerario à sciencia, indicando aos que deviam seguil-o as lacunas à preencher e os elementos a congregar para novas descobertas.

D'essa epoca aos nossos dias a physica, como todas as sciencias naturaes, progridem, offerendo à humanidade inventos tão estupendos como a telegrâphia electrica etc.

Fazia um retrospecto d'aquella sciencia observando um phenomeno physico que se passava sobre a minha banca de estudo. Era a imagem do *espectro solar* produzida por um raio de luz atravessando um pingente do lustre e que desenhava-se sobre um bouquet de bugaris que eu havia colhido pela manhã no jardim. O espectro coloria as flores brancas de furta-côr, e eu me entretinha em vel-as quando fui sorprehendido por minha companheira.

—Namoras ás flores, meu amigo?

—Observo um phenomeno physico.

—Onde?

—Sobre os bugaris.

—Deveras, estão lindos!

—Têm as coresdo iris. A luz solar atravessando o pingente, que é um prisma de crystal, decompoz-se e formou a imagem que vês, com sete cores, ou *espectro solar*. As côres são, como estàs vendo, azul, vermelha, verde, laranja, amarella, nidigo e violeta.

—E a luz do sol não é branca, e como dizes que ella é composta de tantas cores?

—A luz é um agente physico que produz em nossos olhos impressões chamadas luminosas. Algumas hypotheses tem sido apresentadas para explicar a luz. Newton considerava-a um fluido imponderavel de uma velocidade extraordinaria. A physica moderna julgou erronea aquella hypothese da *emissão* e admittiu a *hypothese das ondulações*, isso é, "que a luz é o resultado de movimentos vibratorios excessivamente rapidos dos corpos luminosos, propagando-se ao olho por intermedio de um fluido muito subtil que se suppõe encher o espaço e se chama ether".

—E como poderam provar que a luz do sol tinha tantas cores?

—Pela recomposição do espectro solar. Si recebermos aquelle espectro sobre um prisma do crystal, tendo o mesmo angulo de refracção, mas voltado em sentido contrario ao primeiro prisma que decompoz a luz, veremos que o espectro atravessando o segundo prisma não produz mais uma imagem com as cores do iris e sim a imagem branca do sol. Ha ainda um experiencia simples, que prova a composição da luz solar: é o disco colorido de Newton. Toma um papelão e corta um disco de 30 centimetros, pinta de preto os bordas e o centro e depois no espaço que ficar por pintar colla tiras de papel colorido de vermelho laranja, amarello, verde, azul, indigo e violeta, indo do centro para a circumferencia, de maneira a imitar circularmente cinco espectros successivos pela côr das tintas e pela extensão relativa Prompto o disco si por meio de um eixo imprimires n'elle um movimento rapido de rotação, a retina receberà simultaneamente as cores do espectro e o disco te parecerà branco.

—E a sciencia só tirou do espectro essa utilidade?

—Não, tu não imaginas essa simples descoberta que horisontes abriu! O homem servindo-se d'ella foi ao desconhecido e sem sahir do seu laboratorio viu muitas cousas que uma distancia infinita occultava de seus olhos. Por seu intermedio conheceu a mineralogia de mundos infinitamente distantes de nós, infinitamente digo, porque innumeros d'elles a sua distancia não pode ser determinada pelos algarismos, não ha cifra que a represente! A constituição dos astros no começo d'este seculo era uma utópia e tornou-se uma realidade! O sol, a nossa fonte de luz mais importante, està distante de nós quarenta milhões de leguas e quem diria que o homem podesse conhecer a sua mineralogia?! Mas a sua intelligencia associou-se ao estudo, a observação e à experiencia e um dia a sciencia venceia a distancia, desvendava o desconhecido e estupefacta exclamava: o sol tem *ferro*, *calcium*, *magnesium*, *sodium*, *chromo*, *nickel*, *manganez* e *hydrogeneo*!! Desapparecidas as distancias, a sciencia conhecia a mineralogia de outros mundos cuja distancia os algarismos são insufficientes para representar. Mas a sciencia conta sempre.

—E como, sem algarismos?

—Precisavam de uma unidade e essa unidade foi a luz, que caminha oitenta mil leguas por segundo. Assim, para determinar a distancia da estrella polar, a mais proxima de nós, a sciencia diz que para vencer o espaço que nos separa d'ella a luz gasta cincoenta annos de um curso veloz, de um curso de oitenta mil leguas por segundo!

—E as mais distantes, então?

—A sciencia conta sempre. Os astros não se limitam às myriades que vemos scintillar no espaço. São mais numerosos talvez que os grãos de areia das margens do oceano! E entre esta infinidade de mundos, mundos ha que a luz para vir d'elles a nós gasta seculos, e ainda outros que a luz caminha desde a creação e agora é que nos chega ou chegarà amanhã. Assim quantos astros mortos ou desapparecidos nos mandam ainda sua luz!

—E a luz solar que tempo gasta para vencer a distancia que nos separa do sol?

—Oito minutos e treze segundos.

—E a luz que nos vem do sol influe na côr dos corpos?

—Os corpos não têm côr.

—Como assim? então a cal não é branca? o anil não é azul?

—A cor do corpo depende da decomposição da luz e do raio reflectido. Os corpos são opacos como a madeira, ou transparentes como o vidro. A cal apresenta uma côr branca porque reflecte todos os raios do espectro em suas proporções naturaes; o carvão é negro porque não reflecte nenhum raio do espectro, absorve todos; as folhas das arvores são verdes porque reflectem o raio verde do espectro e absorvem todos os outros, e assim por diante. Para te provar que a côr do corpo depende da côr do raio reflectido do espectro, não é preciso mais que te lembrar uma simples experiencia. Leva a uma camara escura flores de differentes cores, depois illumina-as com lampadas de alcool cujas méchas contenham sal de cosinha e veràs que todas as flores, vermelhas, verdes, azues etc., se apresentarão corados de um amarello esverdiado.

—E a luz da lampada não era composta?

—Não, era simples. Não podia haver decomposição e porisso as flores apresentaram o mesmo colorido.

—E como ha corpos cuja côr não é nenhuma das do espectro?

—Todas são formadas pelas cores do espectro, os differentes coloridos, os differentes tons, são devidos a combinações das sete cores fundamentaes.

—E as cores do arco-iris não são as mesmas do espectro solar?

—Exactamente. O arco-iris é um espectro solar em pleno espaço. Esse meteoro aquoso é o resultado da decomposição da luz solar por pequenas gottas d'agua suspensas nas nuvens.

Concluimos a paleatra porque nos vieram avisar que estava servido o almoço.

Alto da Bonança—Julho de 1887.

RODOLPHO THEOPHILO.

ANNUNCIOS

Pharmàcia Albano

GRANDE DEPOSITO
DE
Productos chimicos e especialidades pharmaceuticas nacionaes e estrangeiras.
Sortimento completo de homæopathia em tintura, globulos e carteiras. Receitas a qualquer hora. Preços modicos.
36—RUA DA BOA-VISTA—36
CEARA'

Motta Vieira & C.ª

88--Major Facundo--88
FORTALEZA
Importadores e exportadores.

A QUINZENA

Escriptorio da Redacção

RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Todos os negocios relativos à administração trata-se com

O gerente,
JOSE' OLYMPIO.

CLUB LITTERARIO

56--RUA DO MAJOR FACUNDO--56

Abre-se diariamente das 10 horas da manhã ás 10 da noute.
Acham-se à disposição dos Srs. socios jornaes e revistas nacionaes e estrangeiros.

LOTERIAS CEARENSES

GARANTIDAS

NOVO PLANO

Extracções todas as semanas, sem transferencia. Bilhetes à venda nas casas de Ernesto Vidal, J. Eugenio e na

Thesouraria das Loterias.

LIBERTADORA

48---Rua da Boa-Vista---48

Este immenso estabelecimento sem duvida é o mais notavel na provincia, e que com o systema adoptado até hoje, de vender com insignificante lucro, e servir a todos os seus freguezes com rigoroso esmero, conquistando; assim, a mais plena confiança; recebe-se mensalmente de Pariz o que ha de primoroso em FAZENDAS, MODAS E NOVIDADES.
Vende suas mercadorias por preços quasi impossiveis, merecendo assim a **Popularidade e sympathia** do muito illustrado publico cearense,--especialmente das Exm.as Sras.
Contando cinco annos de existencia este notavel estabelecimento, cujas vantagens são aliàs reconhecidas por seus proprios collegas, seus proprietarios não tem poupado esforços para melhorar cada vez mais o seu systema em proveito geral, tendo sempre sortimento profuso e escolhido de tecidos do mais apurado gosto e novidade.

Notre-Dame de Paris

LOJA DE MODAS E NOVIDADES
RUA DA BOA-VISTA N. 41

Este estabelecimento se acha montado com elegancia e luxo, recebe directamente de Paris, Hamburgo, Manchester e outras praças da Europa, todos os artigos de que se compõe o seu sortimento, podendo assim offerecer vantagens nos preços a todos os seus freguezes.
Especialidade em calçados de luxo, chapeos e tecidos, novidades.
Enxovaes para casamentos e baptizados.

NABOR A. CHAGAS & C.ª
Ceará.

COSTA SOUZA

Especialidades em fazendas modernas, chapéos, calçados, luvas e perfumarias finas.

Fortaleza
86 A Rua do Major Facundo

ALFAIATARIA

DE

OLEGARIO A. DOS SANTOS

Praça do Ferreira N. 32

Obras feitas, batinas, capas romanas e um grande sortimento de obras francezas e roupas por medida.

J. WEILL & C.ª

A mais antiga casa de JOIAS desta provincia tem sempre escolhido sortimento de tudo que diz respeito a
Joalheria. Relogios de todos os generos
Compram sempre **ouro velho** e moedas.

73--RUA DO MAJOR FACUNDO--73

CONFUCIO

Unico estabelecimento especial em artigos para
Uso domestico
Louças, vidros, mobilias etc.
Objectos para viagens, brinquedos para crianças.
ARTIGOS PARA JOGOS
Utensilios para escriptorios, banheiros, etc. etc.
59--Rua do Major Facundo--59

GUILHERME ROCHA&C.ª

RUA FORMOZA N.º 71

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I | GERENTE—JOSÉ OLYMPIO DA ROCHA. | N.° 16

FORTALEZA, 4 DE SETEMBRO DE 1887.

REDACÇÃO :

JOÃO LOPES, JOSÈ CARLOS JUNIOR, ABEL GARCIA, A. MARTINS, OLIVEIRA PAIVA, ANTONIO BEZERRA, JUSTINIANO DE SERPA, PAULINO NOGUEIRA E MARTINHO RODRIGUES.

SUMMARIO

Expediente;
A Papisa Joanna ou uma legenda parasita. DR. G. STUDART ;
Suspirando.—J. G...
Soneto.—PERY ;
Apontamentos espa. sos —JOSÉ CARLOS JUNIOR;
Estatuêtas.—PERY ;
A côr morena.—PAULINO NOGR.ª
A Barata e a véla. – OLIVEIRA PAIVA ;
Mãe dolorosa.—F. CLOTILDE;
Livros e folhetos ;
Annuncios.

EXPEDIENTE

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	2$000
Semestre	[illegible]
Anno	8$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5$000
Anno	10$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

A Papisa Joanna ou uma legenda parasita

La cérémonie du siége stercoraire dont on travestissait si imprudemment le sens était une des plus touchantes inspiration du génie chrétien. Au moment ou le pape nouvellement élu quittait le siége vulgaire où il etait assis pour monter au trône de Saint Pierre, le chœur chantait ces paroles du psalmiste: Suscitans a terra inopem et de *stercore* erigens pauperem, ut collocei eum cum principibus, cum principibus populi sui.

E. DARRAS.

Autores do seculo undecimo e alguns vindos depois, diz-se, escreveram que entre Leão IV, que falleceu a 17 de Julho de 855, e Benedicto III, que falleceu a 10 de Março de 858, uma mulher tinha encontrado meios de se fazer eleger Papa e occupara a Sé de Roma por espaço de dous annos, cinco mezes e quatro dias, sob o nome de João Anglo ou João VIII

Foi esse um achado precioso nas mãos dos adversarios da Egreja Catholica, romancistas e apreciadores das chronicas escandalosas.

Não buscavam acordar comtudo, sobre as occurrencias mais salientes, que se prendem a existencia d'essa mulher phenomenal seu nascimento por exemplo pois que uns a julgam de nacionalidade ingleza e outros filha de Moguncia n'Allemanha, e si algum facto apontam é para commetter anachronismos, qual o de fazel-a estudar em Athenas, quando se sabe que no seculo IX as celebres escolas d'aquella cidade se tinham fechado por effeito das invasões dos barbaros, particularmente dos bulgaros; mas affirmavam que trajando a homem conseguira occultar o sexo a todos que a cercavam, e n'uma procissão ao Coliseu, revestida dos habitos Pontificaes, dera nascimento a um filho e fôra então descoberta.

Felizmente o seculo que atravessamos, vae assignalando-se pelo escrupuloso cuidado, que a historia tem merecido aos homens dedicados a esse ramo precioso e importante da sciencia moderna.

A historia não é mais um thema obrigado da rhetorica, não é o appendice das philosophias; tem hoje interpretes de consciencia, os quaes, libertando-se dos preconceitos, fugindo ao esclusivismo das escolas e influencia dos partidos, não se constituem apostolos, pregoeiros d'esse ou daquelle grupo, d'essa ou daquella familia, à guisa do que faziam historiadores de outr'ora, que outro merito não houveram senão o de difficultar as pesquizas ulteriores e perturbar os espiritos e até as consciencias.

Nisso manifesta-se ainda a orientação do espirito humano no seculo actual, sempre em busca da verdade, qualquer que seja o assumpto que o occupe, quaesquer que sejam as investigações a que elle se proponha.

Para consecução desse desideratum não tem concorrido pouco a liberalidade com que hão sido franqueadas aos eruditos as collecções de Pariz, os ricos cartorios de Simancas, e ultimamente os archivos do Vaticano, que não teem iguaes em toda Europa, mais importantes que o conjuncto de todos os archivos europeus na opinião de insuspeita Allgemeine Zeitung.

A carta endereçada a 18 de Agosto de 1883 aos cardeaes Hergenrœther, Pitra e Lucca si attesta a profundeza de vistas e a elevação intellectual de Leão XIII, assignala principalmente [illegible] para os es[illegible].

Ainda desta feita os Summos Pontifices se teem mostrado verdadeiramente empenhados em que as narrações sejam fieis traductoras dos acontecimentos, como o reconhecera Babington [illegible] IV, quando [illegible] Macaulay [illegible] renço, tratando da Historia de Florença, confessa que os Medicis são nella estudados com imparcialidade e liberdade, que honram igualmente ao autor e ao Papa Clemente, que mandara publical-a; e, alimentando esses sentimentos e divulgando esses desejos, elles, os pontifices, só teem tido o que lucrar, pois haviam sido quasi sempre desapiedadamente julgados e expostos a commentarios e criticas as mais erroneas por basearem-se em falsos alicerces, e as mais extravagantes e contradictorias, porque nellas falla a voz da paixão, echoão os sentimentos pessoaes.

Gregorio o Grande ergue-se em toda a magestade de seu genio assombroso e, graças a Voigt, Hefele, Casoli, Davin e Obach, apresenta-se ao mundo qual elle foi na realidade. Alexandre VI não é mais o de-